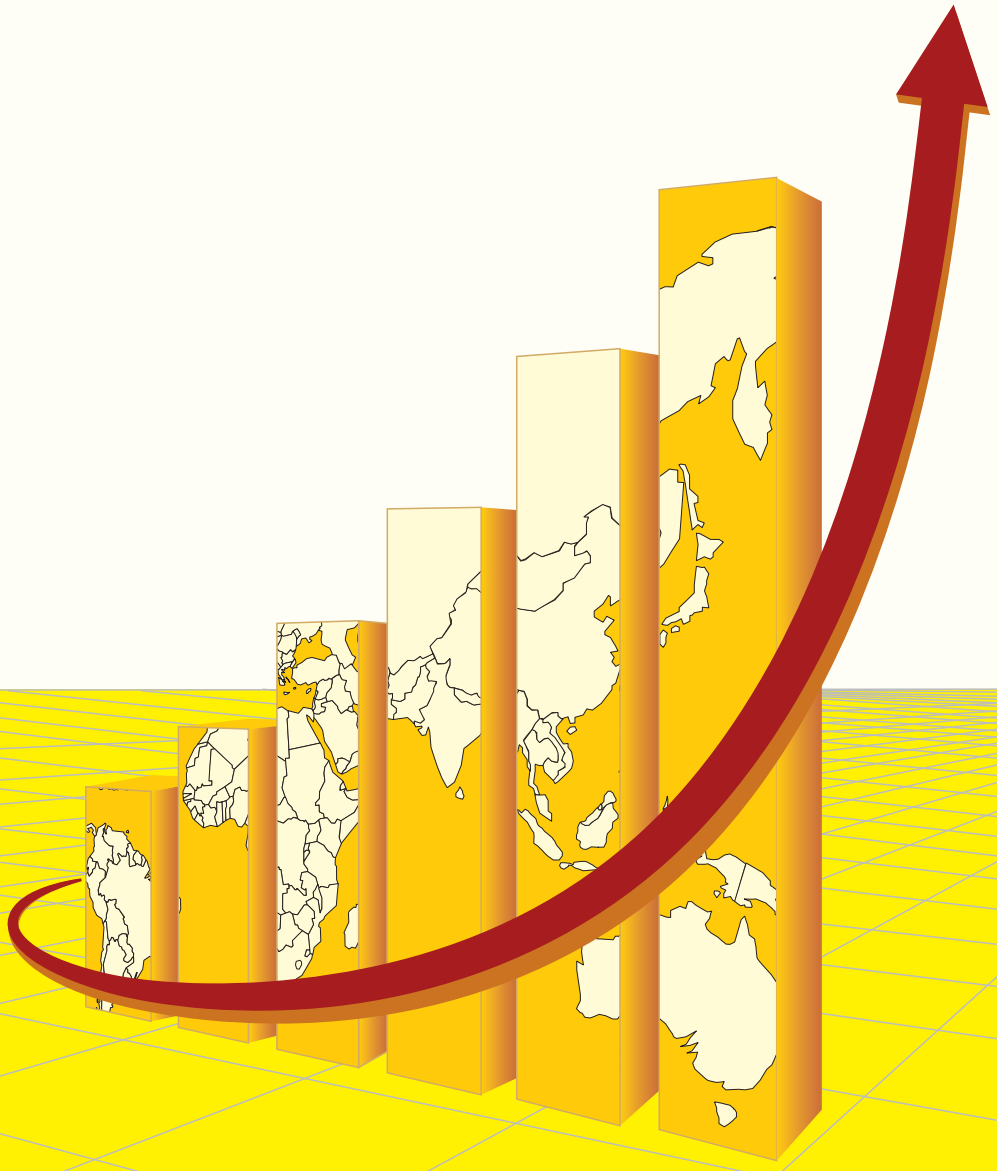
BOLETIM AGROPECUÁRIO Nº 111

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Agosto/2022



Epagri
CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo Mioto Ternus

Presidente da Epagri
Giovani Canola Teixeira

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Jonas Pereira do Espírito Santo
Diretor Administrati o Financeiro

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

Boletim Agropecuário

Autores desta edição
Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes

Florianópolis
2022

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianopolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)
Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: https://cepa.epagri.sc.gov.br/
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes
Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:
Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: agosto de 2022 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Safras; Conjuntura

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, https://cepa.epagri.sc.gov.br/. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Giovani Canola Teixeira
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura 5
Banana 5
Grãos 8
Arroz 8
Feijão 11
Milho 14
Soja 20
Trigo 24
Hortaliças 27
Alho 27
Cebola 31
Pecuária 35
Avicultura 35
Bovinocultura 41
Suinocultura 45
Leite 51

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.sc

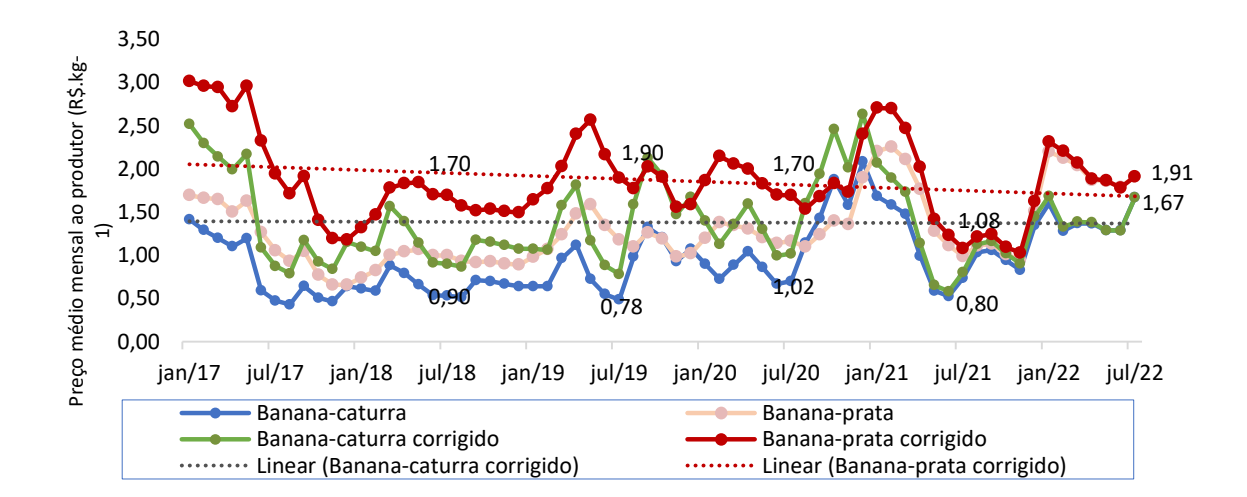


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor
Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – jul./22=100)
Fonte: Epagri/Cepa, 2022.

Entre junho e julho de 2022, houve valorização de 29,8% nas cotações da banana-caturra, depois de uma redução de 0,4% entre maio e junho. O preço de julho de 2022 está valorizado em 107,5% em relação ao do mesmo mês do ano anterior e em 63,9% na comparação com 2020. No comparativo entre o 1º semestre de 2021 e o de 2022, também houve valorização média de 3,5% nos preços. Com oferta reduzida da fruta no mercado nacional, a expectativa é de manutenção das cotações da variedade, que estão nos patamares de 2019.

Para a banana-prata, entre os meses de junho e julho de 2022, a valorização foi de 7,3% em suas cotações. O preço de julho de 2022 está valorizado em 77,0% em relação ao (preço) do mesmo mês do ano anterior, e em 12,7% em relação ao de 2020. No comparativo com o 1º semestre de 2021 e 2022, porém, as cotações sofreram desvalorização de 3,4%. O aumento na demanda e a melhoria na qualidade da fruta devem manter a valorização da variedade nos próximos meses.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R$.kg^{-1}) nas principais praças

Praça	Mês				Var. (%)
	Mai.2022	Jun.2022	Jul.2022	Ago.2022[1]	Jul./Jun.22
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,25	1,28	1,88	1,30	46,4
Prata	1,67	1,75	1,99	2,09	13,5
Sul Catarinense					
Caturra	1,33	1,29	1,46	1,65	13,4
Prata	1,89	1,85	1,84	1,95	-0,5

[1] Valores em R$/cx. 20 kg, transformados em R$.kg-1, até o dia 12 de agosto.
Fonte: Epagri/Cepa e Conaban (jul. 2022).

No Norte Catarinense, a banana-caturra, que entre junho e julho apresentou valorização, tende à desvalorização nas cotações no mês de agosto. Já a banana-prata segue tendência de valoriação em agosto. A melhoria na qualidade da fruta e a baixa oferta mantêm a expectativa de valoriação da fruta.

No Sul Catarinense, a banana-prata, que obteve valorização entre junho e julho, deve manter as cotações em alta em agosto. A banana-caturra, que apresentou leve redução nos preços entre junho e julho, deve valorizar seus preços acima de 5,0% até o final de agosto. Com o aumento da demanda relativa da variedade, espera-se ganho na qualidade para a manutenção nas cotações da variedade.

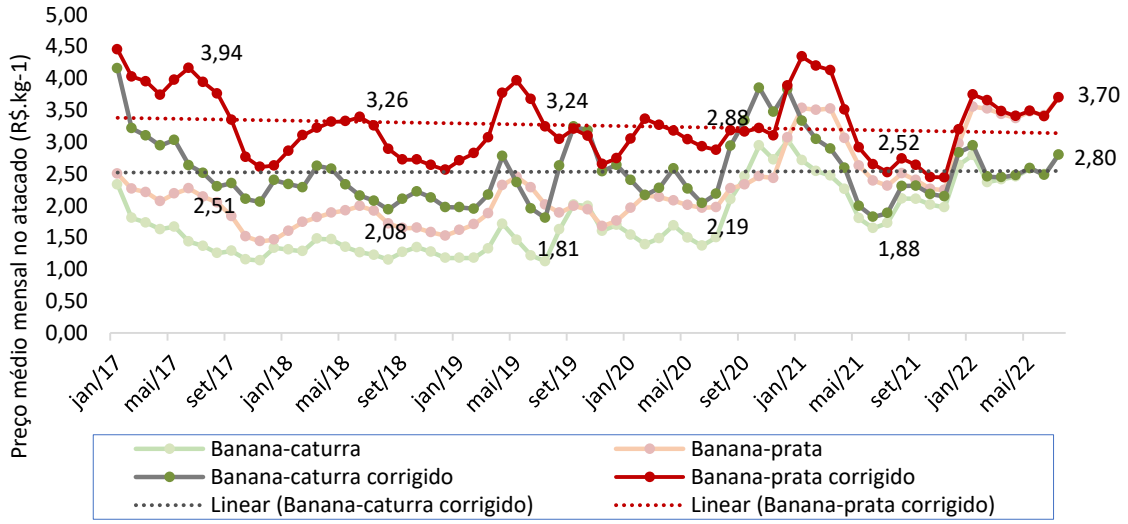


Figura 2. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal no atacado da Ceasa/SC
Fonte: Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – jul. 22=100).
Epagri/Cepa, 2022.

Entre junho e julho de 2022, a tendência é de valorização nas cotações no mercado atacadista estadual da banana-caturra em 12,9% e de 8,7% nas da banana-prata após a queda nos preços entre maio e junho. No comparativo com o mês de julho do ano anterior, verificou-se, no mercado catarinense, valorização de 48,7% nas cotações da banana-caturra e de 46,6% nas da banana-prata. No atacado, a oferta nacional da fruta permanece abaixo da média, com perspectiva de valorização nos preços das frutas de melhor qualidade e maior volume.

Tabela 2. Banana: Brasil - Preço médio ao produtor (R$.kg^{-1}) [1] nas principais praças

Praça	Mês				Variação (%)
	Mai.2022	Jun. 2022	Jul. 2022	Ago.[2]2022	Jul./Jun. 2022
Bom Jesus da Lapa (BA)					
Nanica	0,92	1,84	2,35	2,46	27,72
Prata	1,79	1,91	2,38	2,48	24,61
Norte de Minas Gerais (MG)					
Nanica	0,94	1,75	2,45	2,00	40,00
Prata	1,74	2,17	2,8	2,91	29,03
Vale do Ribeira (SP)					
Nanica	1,46	1,83	2,54	2,27	38,80
Prata	2,3	2,13	2,68	2,54	25,82
Vale do São Francisco (BA e PE)					
Nanica	...	...	...	...	
Prata	1,75	1,79	2,15	2,27	20,11

[1] Preço médio mensal em R$.kg-1; [2] até o dia 12 de agosto.
Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

No mercado nacional, a oferta da fruta mineira está abaixo da média dos anos anteriores, influenciando as cotações negociadas junto ao produtor e no atacado. O Vale do Ribeira também reduziu a oferta a partir de maio, o que justifica a valorização da fruta até julho, mas há expectativa de recuperação na produção, com redução nos preços regionais nos próximos meses. Na Bahia e no Vale do São Francisco, a oferta deve permanecer baixa, com manutenção nas cotações negociadas no mercado regional.

Tabela 3. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2020/21 e 2021/22

Microrregiões	Estimativa 2020/21			Estimativa 2021/22			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. médio (kg.ha^{-1})	Área colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. médio (kg.ha^{-1})	Área colhida	Prod.	Rend. médio
Blumenau	4.425	96.278	21.758	4.676	135.462	28.970	5,67	40,70	33,15
Itajaí	3.587	71.008	19.796	3.790	117.583	31.024	5,66	65,59	56,72
Joinville	12.931	223.256	17.265	12.854	370.062	28.790	-0,60	65,76	66,75
São Bento do Sul	523	9.969	19.061	520	11.735	22.568	-0,57	17,71	18,40
Araranguá	5.332	58.872	11.041	5.317	60.595	11.396	-0,28	2,93	3,22
Criciúma	1.294	20.334	15.714	1.306	22.060	16.891	0,93	8,49	7,49
Tubarão	131	1.056	8.061	93	1.104	11.875	-29,01	4,55	47,31
Total	**28.223**	**480.773**	**17.035**	**28.556**	**718.601**	**25.165**	**1,18%**	**49,47**	**47,72**

Fonte: Epagri/Cepa (jul. 2022).

Grãos

Arroz

Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do arroz em casca em Santa Catarina e Rio Grande do Sul seguiram firmes entre o mês de julho e a primeira quinzena de agosto. Comparativamente ao mês de junho, o preço médio de julho em Santa Catarina foi 3,86% maior, fechando em R$ 70,15/sc de 50 kg. Na primeira quinzena de agosto, a tendência de aumento se apresentou menos significativa, mas ainda com tendência de alta, com preços médios fechando, até o momento, em R$ 71,62/sc de 50 kg. Cabe ressaltar que algumas regiões como o sul do estado e a Grande Florianópolis vêm alcançando cotações ainda mais elevadas, com preço mais comum na casa dos R$ 73,00/sc de 50 kg. No Rio Grande do Sul, os preços de julho foram de R$ 76,36, 5,49% mais elevados do que no do fechamento do mês anterior (Figura 1). O comportamento observado nos últimos meses em Santa Catarina se deve ao aumento da demanda interna por parte das indústrias que visam a atender aos pedidos de atacadistas, bem como à influência dos preços gaúchos, que aumentaram em razão do aquecimento da demanda interna e das exportações. Além disso, os produtores sem necessidade de fazer caixa rápido têm segurado as vendas à espera de cotações mais elevadas. Pelo comportamento sazonal, espera-se, entre os meses de fevereiro e julho, uma redução dos preços por conta do aumento da oferta interna, em decorrência do avanço da colheita. Também se espera, entre agosto e janeiro, período de entressafra, que os preços apresentem aumento no mercado pela escassez de produto. O segundo semestre do ano deve ser marcado por comportamento típico, como se pode observar nas reações do mercado nos últimos meses, ou seja, preços em elevação. No entanto, cabe ressaltar que, na configuração atual do mercado, mesmo com o movimento ascendente dos preços, estes ainda são inferiores aos custos referenciais para o estado, bem como aos preços registrados na safra anterior, o que demonstra a importância de se fazer uma boa gestão da propriedade para que as margens sejam positivas.

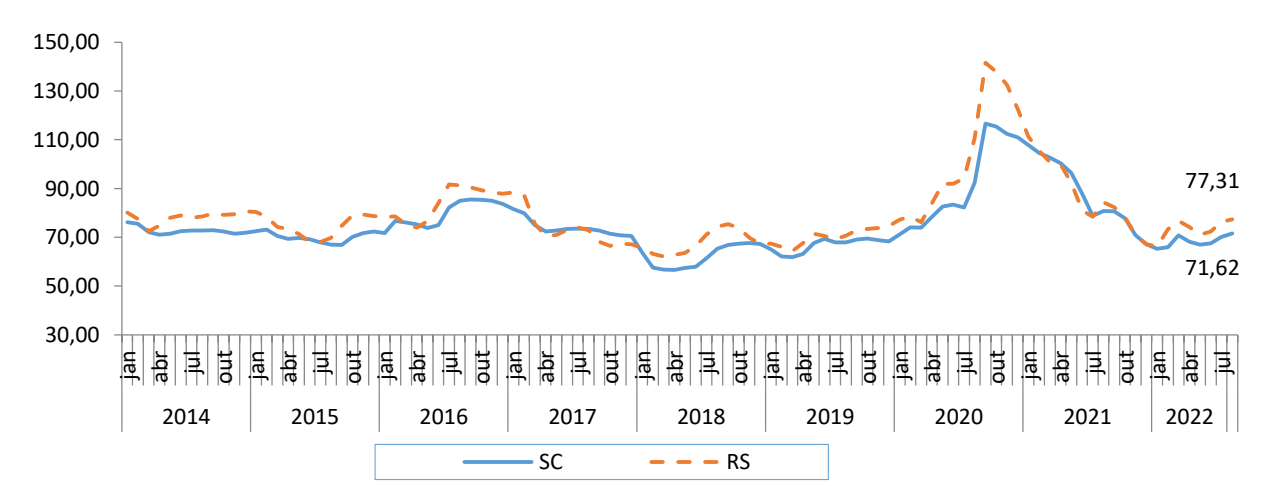


Figura 1. Arroz irrigado – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 - ago.[(1)]/2022)
[(1)] Preço médio da primeira quinzena.
Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) (ago. 2022).

Mercado externo

No que se refere às exportações, destaca-se que, embora o acesso ao mercado externo tenha começado o ano tímido, em fevereiro de 2022 as exportações catarinenses também ganharam força. De janeiro a julho, totalizaram US$ 2,13 milhões. Esse valor representa 29% do total exportado no mesmo período de 2021. Isto porque, em 2021, a partir do mês de abril, Santa Catarina aumentou suas exportações, especialmente para Trinidad e Tobago, Peru e Estados Unidos. Ademais, o estado tem aumentado a diversidade de produtos exportados no contexto do arroz. Até 2018, a composição das exportações desse segmento se caracterizava por forte participação do grão em casca; já nos últimos anos tem ganhado mercado o arroz polido e parboilizado, de maior valor agregado e mais vantajoso para o estado. Observa-se, também, que a relação entre preço de exportação e preço interno aumentou em 2022 comparativamente à média de 2021, o que tem tornado o mercado externo atrativo para o produtor. Quanto aos parceiros comerciais, cerca de 48% do valor exportado foi destinado a Cuba até julho de 2022, seguido de Trinidad e Tobago (19%) e Senegal (11%). As importações seguem ritmo ainda mais acelerado. De janeiro a julho, o estado importou cerca de 62% do valor total de 2021. Desde total, 44% teve origem no Paraguai, 35% no Uruguai e 11% na Itália (especialmente o arroz-arbório para a culinária italiana).

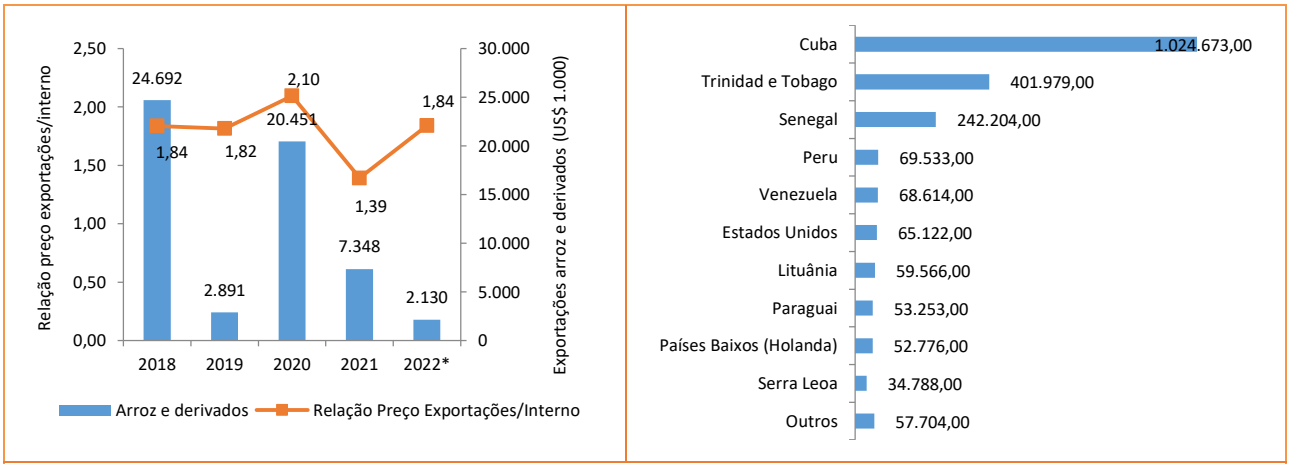


Figura 4. Arroz e derivados – Santa Catarina: exportações anuais em US$1.000, relação entre preço de exportações e preço em Santa Catarina (US$) e detalhamento de países de destino das exportações no ano de 2022

(*) Acumulado de janeiro a julho de 2022.
Fonte: Comexstat (jul. 2022).

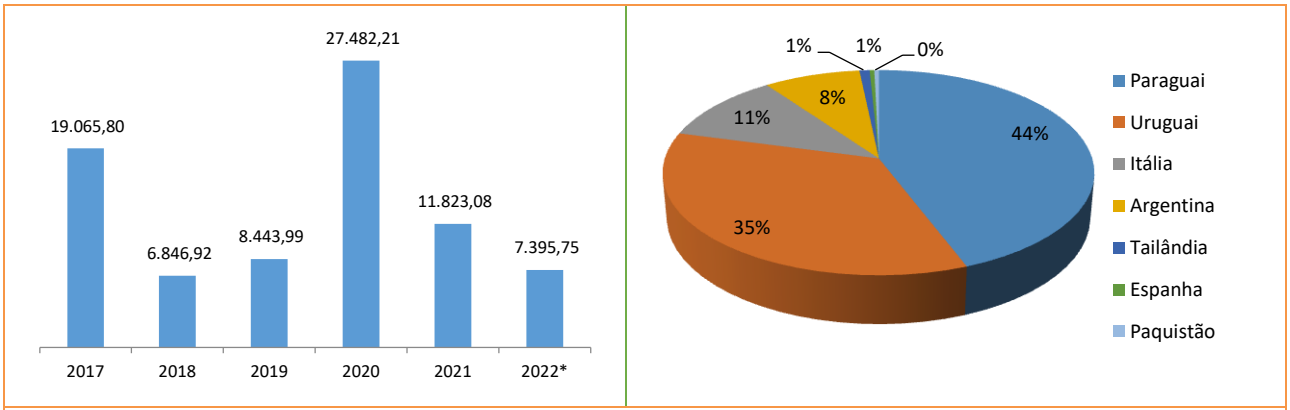


Figura 5. Arroz e derivados – Santa Catarina: importações anuais e detalhamento de países de origem do ano de 2022, em US$1.000

(*) Acumulado de janeiro a julho de 2022.
Fonte: Comexstat (jul. 2022).

Acompanhamento de safra

A safra 2021/22 se encerrou em 1,25 milhão de toneladas, com a produção distribuída em aproximadamente 148 mil hectares. Com isso, a produtividade média do estado se aproximou de 8,5 toneladas por hectare, tendo ultrapassado, em regiões como Rio do Sul, Ituporanga e Blumenau, a marca de 9 toneladas de média por hectare. Entre os fatores que explicam esse bom desempenho, destacam-se a condição climática, bem como o investimento em tecnologia, a adubação e as sementes de alto potencial produtivo, resultado da capitalização obtida pelos produtores em razão dos altos preços das duas últimas safras. Em relação à comercialização, até o momento, aproximadamente 90% da produção já está em posse da indústria, tendo a maior parte do volume comercializado atingido o preço médio de R$ 65,00/sc de 50 kg (Figura 6). Preços acima de R$ 70,00/sc de 50 kg foram alcançados por pouco mais de 3% da produção e apenas 10% do total poderá alcançar os preços que serão cobrados no segundo semestre. Isto se deve ao fato de a maior parte dos produtores terem necessidade de fazer caixa imediatamente após a colheita, gerando pouca margem para negociação com as indústrias e vendas em períodos de oferta elevada e baixos preços.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	503.134	8.550	0,00	-1,87	-1,87
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	65.516	9.208	0,00	7,93	7,93
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.829	187.310	8.581	0,00	-2,31	-2,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.980	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,07
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	83.079	8.781	0,00	10,93	10,93
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.622	9.541	-0,58	5,39	6,01
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.285	144.641	7.910	0,29	-1,09	-1,38
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.635	98.317	9.245	-0,56	6,48	7,08
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	1.179	8.932	0,00	34,30	34,30
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	139.311	8.184	-4,03	-0,99	3,17
Santa Catarina	**148.279**	**1.248.853**	**8.422**	**147.557**	**1.252.002**	**8.485**	**-0,49**	**0,25**	**0,74**

Fonte: Epagri/Cepa (SC) (ago. 2022).

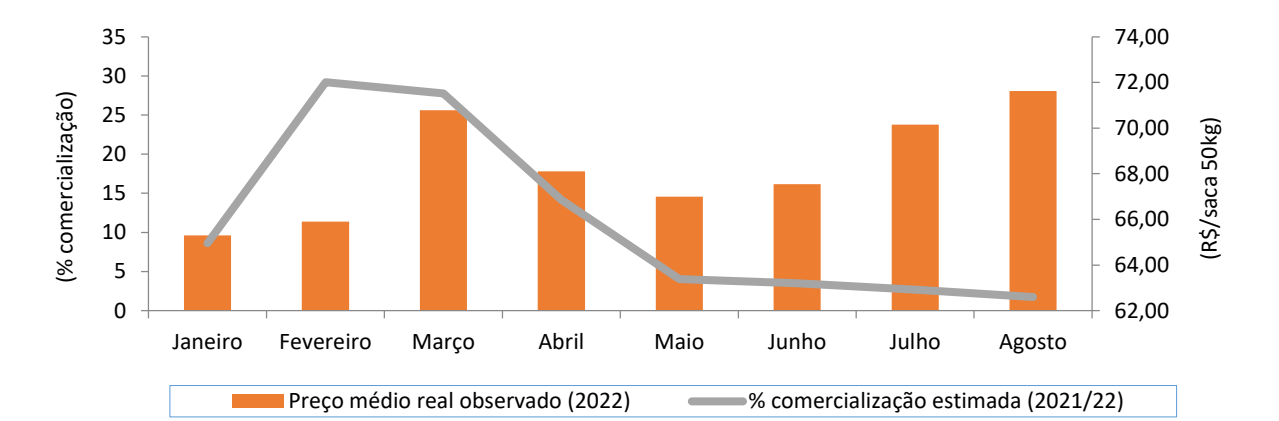


Figura 6. Arroz irrigado – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor e percentual estimado de comercialização – (jan./ago.[1] 2022)

(*) Preço médio da primeira quinzena.

Fonte: Epagri/Cepa (SC) (2022).

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio do feijão-carioca voltou a cair no mês de julho, recuando 10,13% em relação a junho, fechando a média mensal em R$ 265,01/sc de 60 kg. Comportamento semelhante foi observado para o feijão-preto, com variação negativa de 5,45% no último mês, fechando a média mensal em R$ 179,60/sc de 60 kg. Na comparação com um ano atrás, os preços da saca do feijão-carioca, em termos nominais, estão 11,58% acima daquele pago em julho de 2021, mas, para o feijão-preto, em termos nominais, há um significativo recuo de 22,38%.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R$/60kg)

Estado	Tipo	jul. 22	jun. 22	Variação mensal (%)	jul. 21	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	**265,01**	**294,89**	**-10,13**	**237,50**	**11,58**
Paraná		285,91	341,22	-16,21	253,88	12,62
Mato Grosso do Sul		250,27	319,25	-21,61	264,23	-5,28
Bahia		317,26	384,44	-17,47	270,57	17,26
São Paulo		316,44	366,70	-13,71	288,05	9,86
Goiás		322,41	375,47	-14,13	269,46	19,65
Santa Catarina	Feijão-preto	**179,60**	**189,96**	**-5,45**	**231,39**	**-22,38**
Paraná		182,77	197,45	-7,43	233,03	-21,57
Rio Grande do Sul		209,35	212,41	-1,44	225,10	-7,00

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB/Deral (PR); Conab (MS, BA, SP, GO e RS) - jul. 2022.

No mês de julho, as vendas de feijão-preto no mercado varejista ficaram abaixo da média histórica, puxando para baixo o preço pago ao produtor. Segundo a Conab, o preço no mercado varejista registrado em julho de 2022 é o mais baixo desde junho de 2020. Com preços em baixa, produtores que possuem lotes maiores estão segurando a produção, na expectativa de que os preços voltem a reagir. Disponíveis para venda, somente lotes de produtores menores.

Os bons rendimentos com o feijão da segunda safra nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Bahia também contribuíram para pressionar os preços para baixo. A expectativa do setor é de que o mercado reaja com aumento de consumo. Contudo, mesmo com promoções de feijão nas gôndolas dos supermercados (já há ofertas no estado a R$ 4,75/kg), não se observa aumento nas compras por parte dos consumidores. A situação ainda pode piorar com a colheita do feijão da terceira safra, que está ocorrendo neste momento e vai até 15 de agosto, com maiores volumes, o que permitirá colocar no mercado um expressiva quantidade de produto.

Neste momento, quando ainda se comercializa a safra 2021/22 de feijão, a preocupação é que os atuais preços baixos possam reduzir a intenção de plantio na próxima safra. Com os preços da soja em alta, muitos produtores poderão aumentar suas áreas de cultivo, em detrimento do plantio de feijão da primeira safra, concentrando seu plantio na segunda safra, a partir de janeiro de 2023.

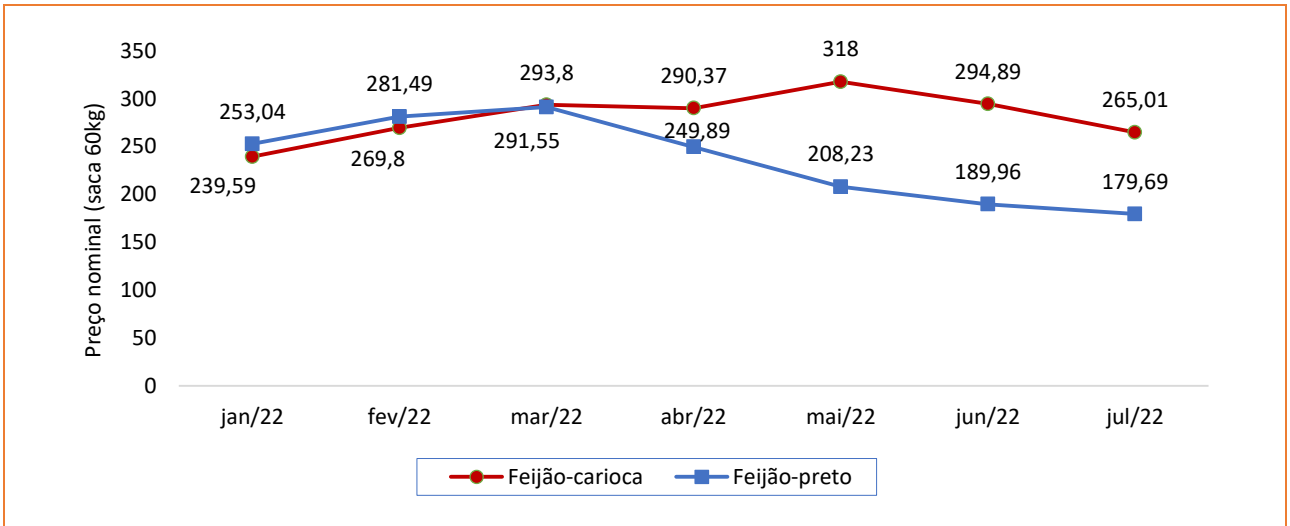


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nominal ao produtor
Fonte: Epagri/Cepa (SC), jul. 2022.

Safra brasileira

Em relação ao balanço entre oferta e demanda, segundo a Conab, o Brasil importou, em 2021, 81 mil toneladas. A quase totalidade da mercadoria internalizada foi importada da Argentina, o principal fornecedor. Neste ano, as importações são estimadas em 100 mil toneladas, podendo, porém, recuar em virtude do expressivo aumento da produção.

A exportação, apesar dos elevados preços do mercado interno em 2021, foi a maior da história, com 240 mil toneladas. Este ano, estima-se em 200 mil toneladas, no máximo, devido ao significativo recuo do cultivo no Mato Grosso, em detrimento do milho. Neste cenário, partindo-se de um estoque inicial de 118 mil toneladas, com previsão de consumo em 2,85 milhões de toneladas e de importações em 100 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 278 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

Tabela 2. Feijão – BR: balanço de oferta e demanda (1.000 toneladas)

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2018/10	287	3.018	150	3.455	3.050	164	241
2019/20	241	3.223	114	3.577	3.150	177	250
2020/21	250	2.876	81	3.208	2.850	240	117
2021/22[(1)]	118	3.111	100	3.328	2.850	200	278

[(1)] previsão jul., 2022.
Fonte: Conab, jun., 2022.

Safra catarinense

Feijão da primeira safra

Com as estimativas para o feijão da primeira safra consolidadas, a produção dessa safra chegou a 53,8 mil toneladas, volume que representa uma redução de 5% na produção em relação ao da safra anterior. Apesar do aumento de 8% na área plantada, a estiagem frustrou a boa expectativa do início da temporada. Assim, a produtividade média estadual estimada foi 5% menor do que a obtida anteriormente, chegando a 1.528kg/ha.

Feijão segunda safra

A segunda safra de feijão está encerrada, tendo-se registrado um incremento de 22% na área plantada. Depois de um longo período de estiagem, as condições climáticas favoreceram o desenvolvimento das lavouras do feijão da segunda safra. O incremento, em comparação com a safra anterior, foi de 43% na produtividade e de 75% na produção.

Feijão-total

Em relação ao feijão-total, as estimativas para a safra 2021/22 registraram um cultivo de 68 mil hectares, o que representa um aumento de 14% em relação à safra anterior. A produtividade média também cresceu 8%, ficando em 1.567 kg/ha. Mesmo num ano agrícola muito prejudicado por condições climáticas adversas (estiagem), o aumento na produção total foi de 23%, chegando a 106 mil toneladas.

Tabela 3. Feijão-total – Comparativo de safra 2020/21 e estimativa da safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa da safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	655	413	630	662	391	590	1	-5	-6
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	7.940	11.846	1.492	22	-7	-24
Canoinhas	11.030	11.832	1.073	14.210	22.816	1.606	29	93	50
Chapecó	4.646	6.387	1.375	6.767	11.095	1.640	46	74	19
Concórdia	385	207,9	540	289	101,024	350	-25	-51	-35
Criciúma	1.692	1.489	880	1.678	1.419	846	-1	-5	-4
Curitibanos	4.310	10.146	2.354	4.040	6.075	1.504	-6	-40	-36
Florianópolis	15	15	1.000						
Ituporanga	2.000	2.881	1.440	2.512	4.279	1.703	26	49	18
Joaçaba	2885	5113,44	1.772	2807	2995,62	1.067	-3	-41	-40
Rio do Sul	1.026	1.416	1.380	1.638	2.336	1.426	60	65	3
São Bento do Sul	750	753	1.004	820	1.282	1.563	9	70	56
São Miguel do Oeste	2.456	2.671	1.088	2.859	4.137	1.447	16	55	33
Tabuleiro	371	370	997						
Tijucas	180	219	1.214						
Tubarão	1.948	1.728	887	1.783	1.401	786	-8	-19	-11
Xanxerê	18.539	28.082	1.515	19.821	36.143	1.823	7	29	20
Total T	**59.388**	**86.494**	**1.456**	**67.826**	**106.317**	**1.567**	**14**	**23**	**8**

Fonte: Conab, jun. 2022.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços ao produtor, pela média mensal de julho, recuaram 3,1% em 30 dias e 16,1% em 12 meses no estado (Figuras 1 e 2). Os preços recuaram de R$ 99,07/sc em março, para R$ 79,77/sc em julho, uma retração próxima de 20% no período. O principal fundamento que está orientando os preços internos é a boa segunda safra nacional. Nos últimos três meses, os preços foram pressionados por uma maior oferta no mercado interno. Outros fatores que continuam influindo são o câmbio, as repercussões do conflito Rússia x Ucrânia e o desenvolvimento da safra norte-americana. As cotações em São Paulo, que representam a B3-Ibovespa (Cepea/Esalq), acompanham as de Santa Catarina. Os dois estados são os maiores consumidores do cereal em nível nacional.

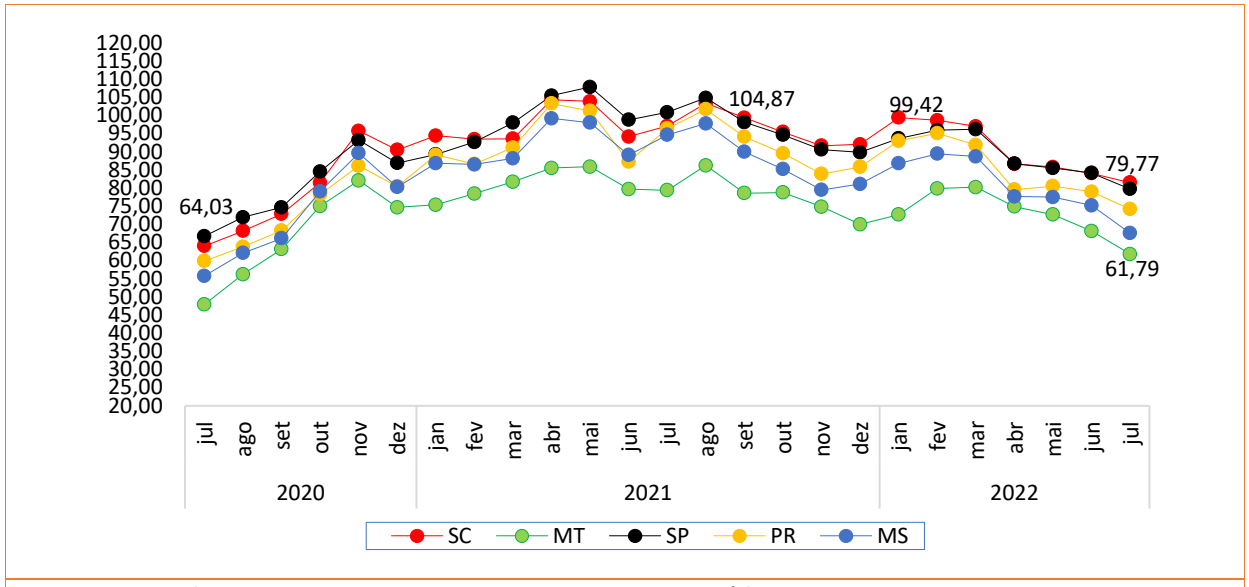
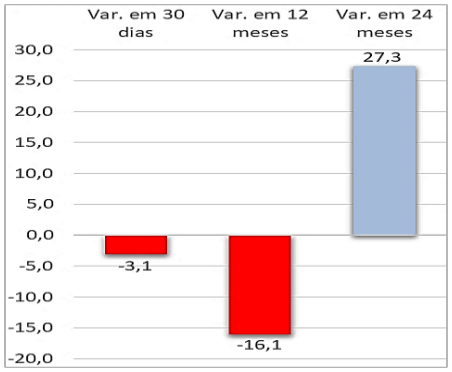


Figura 1. Milho/SC – Preço médio mensal pago ao produtor (R$/sc de 60kg) – de julho de 2020 a julho de 2022 (valores atualizados pelo IGP-DI)
Fonte: Epagri/Cepa. Deral-PR e Agrolink.

Variação temporal dos preços



Santa Catarina - A variação dos preços do milho, tomando como referência julho de 2022, apresenta baixa em dois cenários (Figura 2): em 30 dias e em 12 meses. No entanto, no cenário de 24 meses, houve uma elevação dos preços em 27,3% em relação às médias mensais dos preços pagos ao produtor (R$/sc de 60 kg, corrigidos pelo IGP-DI), com destaque para a alta dos preços, principalmente em 2020.

Figura 2. Milho/SC – Variação dos preços em 30 dias, 12 meses e 24 meses – Preço médio mensal ao produtor, corrigido pelo IGP-DI, base jul. 2022

Fonte: Epagri/Cepa.

Variação diária dos preços

Desde o início de março, quando alcançaram um valor próximo de R$ 100,00/sc, os preços apresentaram forte queda (Figura 4). Nos últimos três meses, as cotações têm mostrado pouca oscilação - entre R$ 80,00 e R$ 85,00/sc. Com o avanço da colheita da segunda safra, os preços poderão continuar pressionados pela maior oferta interna do cereal. A evolução das exportações pelo Brasil deve conferir indicativos de preços futuros no sentido de valorização do cereal.

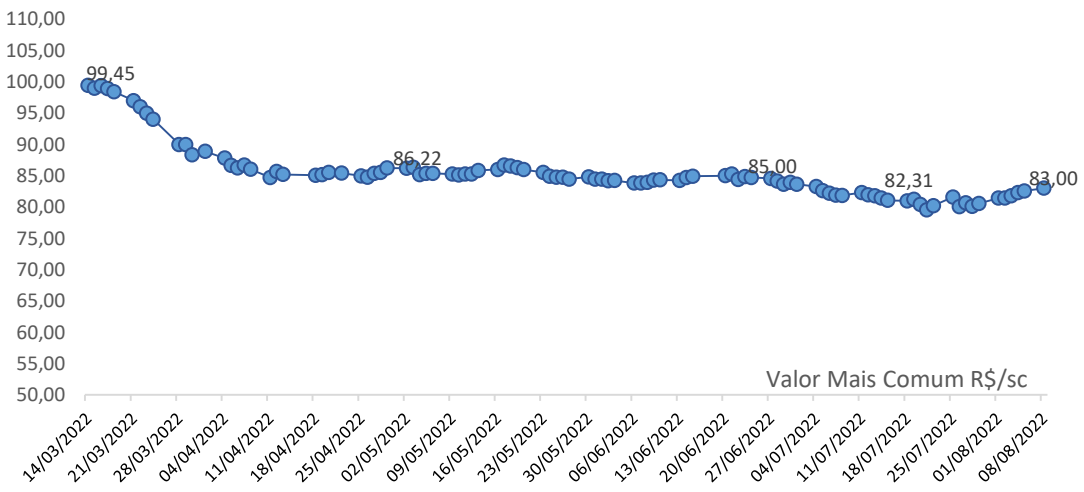


Figura 3. Milho/SC – Preço diário pago ao produtor (R$/sc de 60 Kg – mar./jul. 2022)

Fonte: Epagri/Cepa.

Safra estadual 2021/22

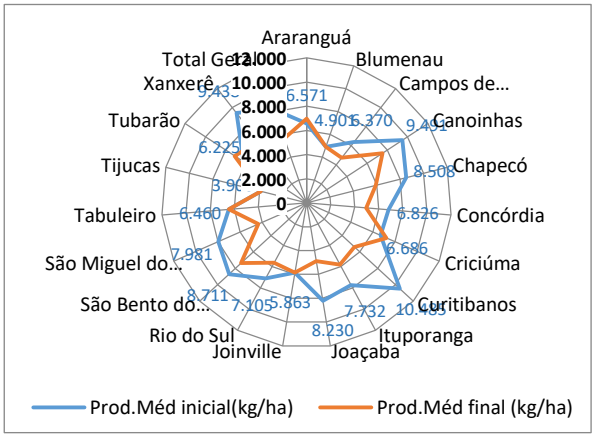
Os números da safra 2021/22 estão consolidados. A estiagem afetou significativamente a produção da safra de verão 2021/22 na maioria das regiões do estado (SC). Essa redução foi de 30,1% em relação ao prognóstico inicial, o que representa cerca de 900 mil toneladas (Tabela 1). As informações referem-se à primeira e à segunda safra em Santa Catarina.

Tabela 1. Milho/SC – Estimativa inicial e final da área; produção e produtividade total de milho por microrregião e no estado

	Área (ha)	Prod. Med. kg/ha)	Qtd. prod. (t)	Área (ha)	Prod. med. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)
Araranguá	8.175	6.571	53.717	8.175	6.970	56.976
Blumenau	1.993	4.901	9.767	1.993	4.901	9.767
Campos de Lages	33.820	6.370	215.450	36.010	4.735	170.516
Canoinhas	33.850	9.491	321.270	36.200	7.527	272.495
Chapecó	50.053	8.508	425.864	49.416	5.912	292.127
Concórdia	25.750	6.826	175.773	25.750	4.958	127.667
Criciúma	7.474	6.686	49.973	7.474	7.219	53.958
Curitibanos	26.530	10.485	278.178	26.730	5.384	143.902
Ituporanga	10.170	7.732	78.636	10.380	5.818	60.393
Joaçaba	62.010	8.230	510.335	63.640	4.887	310.993
Joinville	417	5.863	2.445	417	5.863	2.445
Rio do Sul	19.030	7.105	135.216	19.320	5.628	108.723
São Bento do Sul	3.800	8.711	33.100	3.800	7.368	28.000
São Miguel do Oeste	31.720	7.981	253.170	32.740	4.362	142.796
Tabuleiro	2.250	6.460	14.535	2.250	6.460	14.535
Tijucas	750	3.900	2.925	750	3.900	2.925
Tubarão	5.213	6.225	32.451	5.213	7.092	36.969
Xanxerê	32.403	9.438	305.825	28.973	6.492	188.097
Total Geral	**355.408**	**8.156**	**2.898.630**	**359.231**	**5.632**	**2.023.285**

Fonte: Epagri/Cepa.

Produtividades registradas



A produtividade do milho, estimada inicialmente e no final da safra, apresentou comportamento diferenciado entre as regiões. Dentre estas, as que apresentaram projeção de produtividade inicial acima de 9 t/ha tiveram uma forte redução na estimativa final. Curitibanos, Canoinhas e Xanxerê apresentaram uma redução superior a 30%. A estiagem afetou de maneira mais intensa ainda as regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste.

Figura 4. Milho/SC – Estimativa inicial e final da produtividade de milho (primeira e segunda safra) por microrregião, no estado e total
Fonte: Epagri/Cepa.

Safra 2022/23

Os números iniciais da próxima safra sairão no próximo boletim. Em linhas gerais, porém, as expectativas e o contexto da nova safra podem ser traçados a seguir:

- nova realidade para o produtor com a elevação significativa dos custos de produção, destacando-se, dentre os componentes do custo, os fertilizantes, que tiveram uma elevação de cerca de 65% em relação a 2021;

- os preços do produto sofreram uma retração significativa (de mais de 15%) desde o início de 2022;

- a perspectiva, contudo, de maior demanda do cereal em função da crescente utilização do cereal na produção de etanol no mercado interno e a abertura do mercado chinês para o milho brasileiro devem levar a retomada de sua valorização até o fim do ano;

- a previsão climática para o trimestre (agosto, setembro e outubro) é de chuva próxima à média climatológica ou abaixo dela, mal distribuída, podendo ocorrer períodos secos (Epagri-Ciram, 2022);

- após as últimas duas safras, com estiagens que comprometeram a produção, espera-se que as precipitações sejam mais regulares e favoráveis a uma safra normal.

Equivalência soja-milho

A relação de preços entre os da soja e os do milho está se elevando desde início do ano, tendo passado de 2:1 nos últimos meses. O ponto de corte é 2,3. Acima deste valor, será mais favorável para os da soja (Figura 5). As duas *commodities* competem por área, em especial no sul do Brasil, na primeira safra. A soja, a cada ano, vem aumentando a área de cultivo. Embora o milho tenha uma produtividade bem superior à da soja - alcança 12 t/há -, a da soja chega a 4 t/ha em condições de normalidade climática. No entanto, a decisão entre uma cultura e outra considera vários fatores: regularidade dos preços, condições de manejo, tolerância a períodos de estiagem e incidência de pragas de difícil controle.

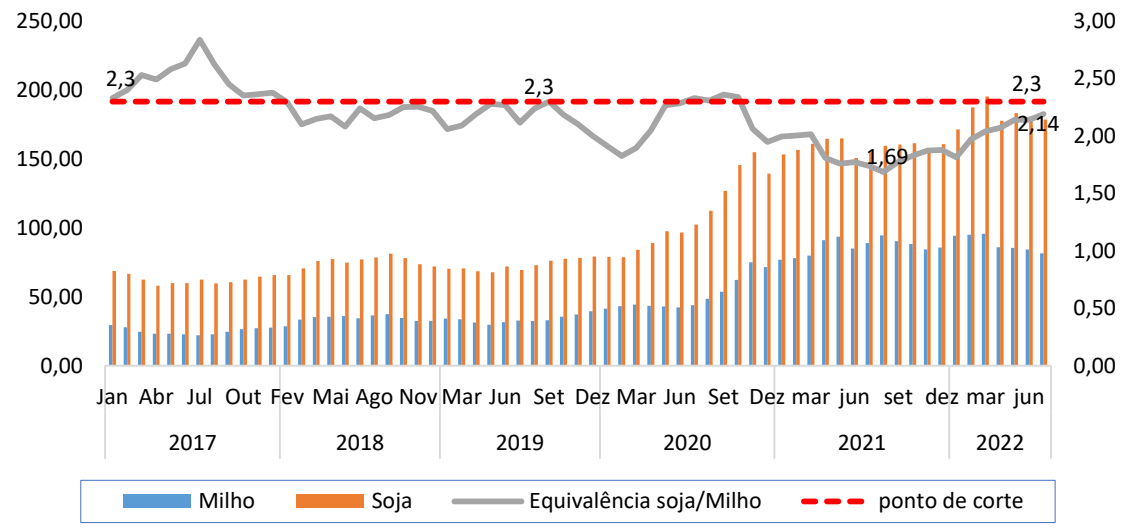


Figura 5. Soja x Milho/SC – Evolução da equivalência entre soja e milho de jul. 2017 a jul. 2022.
Fonte: Epagri/Cepa.

Safra nacional

A estimativa atualizada da produção da safra 2021/22 em julho, pela Conab, está em 114,69 milhões de toneladas - aumento de 31,7% sobre a da safra anterior. Esta produção regulariza o suprimento interno em 2022 (Figura 6).

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
21.584,4 mil ha	5.314 kg/ha	114.691,3 mil t
+8,2%	+21,7%	+31,7 %

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab

Figura 6. Milho/Brasil – Estimativa de área, produtividade e produção nacional – Safra 2021/ 2022, segundo relatório Conab de julho de 2022
Fonte: Conab, julho de 2022.

Suprimento

Em relação aos dados da demanda doméstica de milho, a Conab estima que 77,1 milhões de toneladas (Figura 7) de milho da safra 2021/22 deverão ser consumidos internamente ao longo de 2022, o que representa um aumento de 6,3% comparativamente ao consumo da safra anterior. No levantamento atual (ago. 2022), houve um pequeno ajuste nessa variável, provocado pela mudança nas estimativas de área em relação ao último levantamento divulgado, o que interfere na quantidade estimada de produto para uso de sementes e nas estimativas de perda.

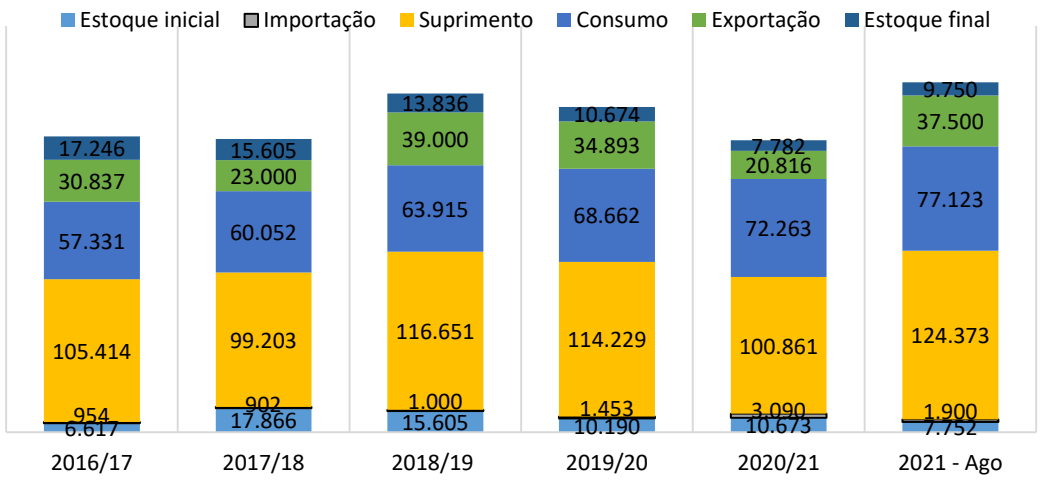


Figura 7. Milho/Brasil – Oferta e suprimento de milho nacional 2022, relatório Conab de julho de 2022 – (Adaptação e análise Epagri/Cepa)
Fonte: Conab, agosto de 2022.

Exportações e importações de milho por Santa Catarina

Santa Catarina tem um déficit significativo de milho para o suprimento interno das indústrias de rações e das agroindústrias, que poderá chegar próximo de seis milhões de toneladas em 2022. O estado exportou 144,8 mil toneladas de milho até julho de 2022. No mesmo período, importou 194,3 mil toneladas (Tabelas 6-A e B). O Paraguai teve uma boa safra neste ano de 2022, apresentando oferta e viabilidade de importação via transporte rodoviário até o oeste de Santa Catarina. Ademais, quando comparado ao milho brasileiro, o custo do frete dificulta sua vinda para o sul do Brasil.

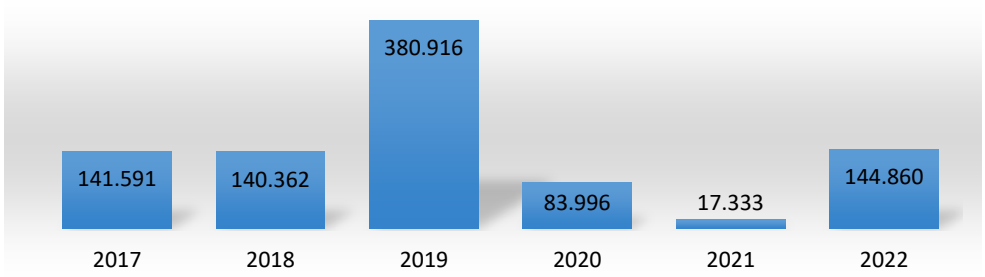


Figura 8. A – Exportações

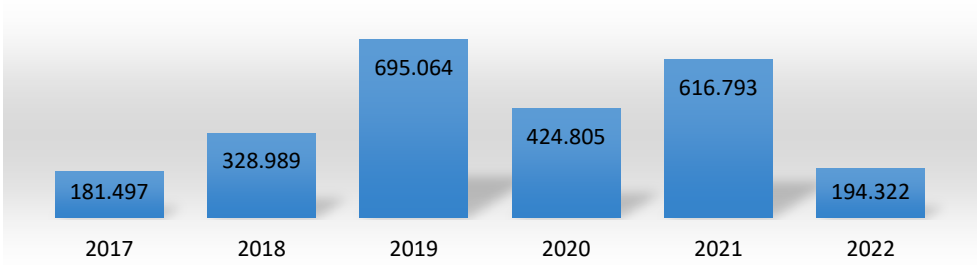


Figura 8. B – Importações

Figura 8 A e B. Milho-SC – Evolução das exportações e importações de milho por Santa Catarina – 2017-22

Fonte: ME. Secex, 2022. Elaboração Epagri/Cepa (consulta em 11 ago. 2022).

Exportações pelo Brasil

As exportações de milho pelo Brasil apresentaram, na série avaliada, o maior volume em 2019, com 42,9 milhões de toneladas (MT) (Figura 6). Desde então, apresentaram forte redução. Nas safras de 2020 e 2021, as condições climáticas afetaram a produção, gerando menor disponibilidade para exportar. Em 2022, as exportações até julho foram as maiores dos últimos três anos. A expectativa é de que o total do ano alcance entre 35-40 MT. Este é um fator relevante nas cotações do segundo semestre do ano para o cereal.

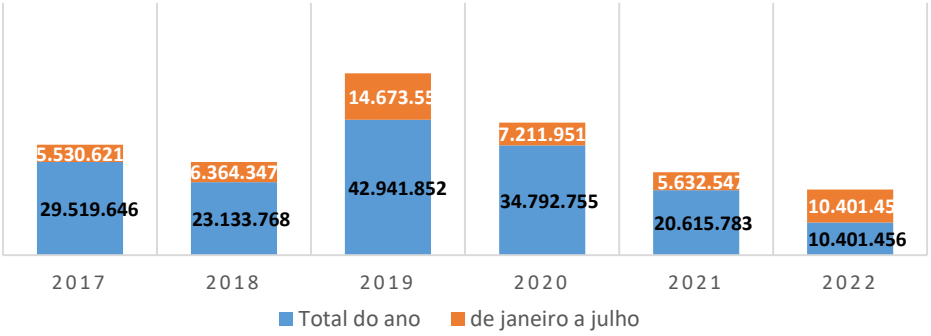


Figura 9. Milho/Brasil – Evolução das exportações de milho pelo Brasil – 2012-22 – Exportações no ano, e de janeiro a julho de cada ano

Fonte: ME. Secex, 2022 (elaboração Epagri/Cepa).

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Após níveis recordes de preço - acima de R$ 200,00/sc - no início de março, as cotações recuaram até atingir a mínima de R$ 172,00/sc no início de abril (Figura 1). A menor demanda chinesa, a estimativa de aumento da área cultivada nesta safra nos EUA e a saída dos fundos de investimento para outras aplicações financeiras no mercado foram determinantes para o recuo das cotações internacionais da soja.

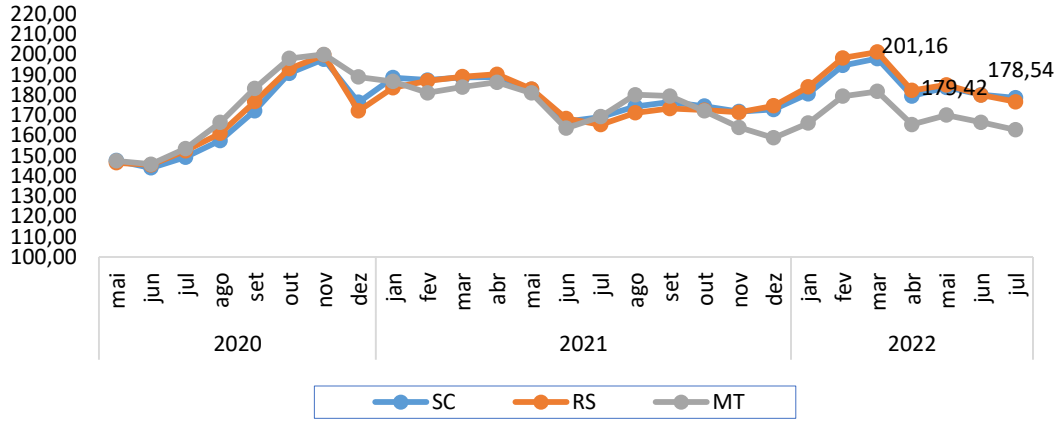


Figura 1. Soja em grão – Preços mensais recebidos pelo produtor (R$/sc), levantados pela Epagri/Cepa e média estadual de 2020 a 2022 (preço mais comum, corrigido pelo IGP-DI)
Fonte: Epagri /Cepa.

Preços diários e tendências do mercado

Os preços diários levantados pela Epagri/Cepa (Figura 2) mostram um recuo significativo desde março, quando alcançou R$ 200,00/sc. Preocupações relacionadas a uma recessão econômica global e a elevação de juros afastaram investidores dos mercados futuros da soja. Tais fatores explicam a reversão na tendência altista, que vinha sendo registrada desde o início de 2022, nos preços das *commodities*. Desde junho, as cotações oscilaram entre R$ 175,00/sc e R$ 185,00/sc. Na Bolsa de Chicago, a soja, na primeira quinzena de agosto, oscilou de US$ 13,80/bushel a 14,0/bushel (contrato nov. 2022),[1]bem inferior aos 17,0/bushel registrados em vários momentos desde março 2022. Já os coprodutos da soja apresentaram movimentações diferenciadas. Os preços do **farelo de soja** subiram, em julho, no Brasil e nos Estados Unidos. Esta alta esteve atrelada à crise econômica na Argentina, que gerou especulações de menor oferta do derivado para exportação – a Argentina é a principal exportadora mundial de farelo e óleo de soja. Já os preços do **óleo de soja** registraram queda em julho, associados à desvalorização ou à diminuição dos preços do petróleo. Além disso, o avanço do acordo entre Rússia e Ucrânia para a liberação de parte dos produtos em armazéns ucranianos pelo Mar Negro gerou expectativas de aumento na oferta de óleo de girassol – a Ucrânia é a principal exportadora global desse subproduto.[2] Todos estes fatores levam a uma maior volatilidade nas cotações no período.

[1] CME group. Ago. 2022. https://www.cmegroup.com/apps/cmegroup/
[2] Esalq-Cepea. Análise Conjuntural. lhttps:/https://www.cepea.esalq.usp.br

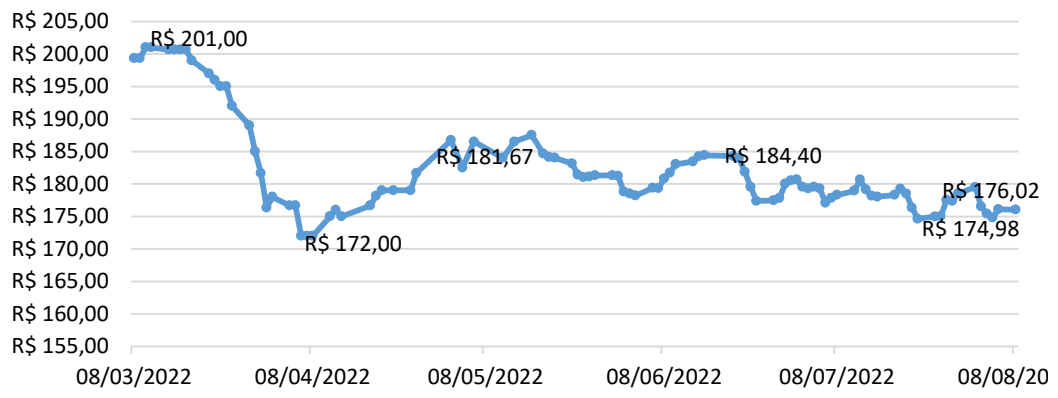


Figura 2. Soja em grão – Preços diários recebidos pelo produtor (Epagri/Cepa - mar./jul. 2022 – média estadual, preço mais comum)
Fonte: Epagri /Cepa.

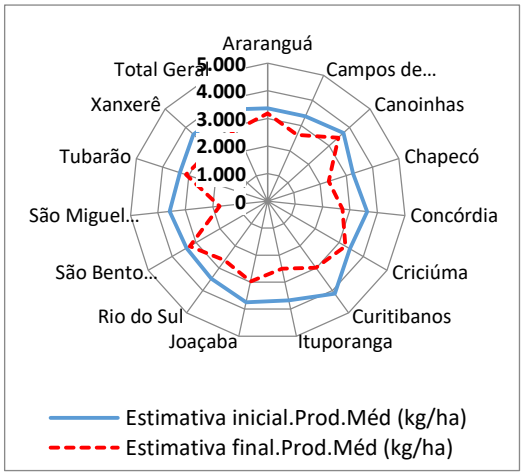
Safra estadual de verão

Os números da safra catarinense estão consolidados neste relatório. O prognóstico inicial da produção de soja no estado na safra 2021/22 foi de 2,71 milhões de toneladas (set. 2021), considerando a primeira e a segunda safra. A estiagem, em dezembro e janeiro, no entanto, impactou o prognóstico inicial da produção (Tabela 1). A atualização da estimativa em julho de 2022 (estimativa final de safra) foi reduzida para 2,01 milhões de toneladas, o que representa um recuo significativo de 20,14% em relação à expectativa inicial da produção.

Tabela 1. Soja/Santa Catarina – Estimativa inicial e final da safra 2021/22; área, produção e produtividade médias nas regiões e no estado

	Área (ha)	Estimativa inicial			Estimativa final	
		Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)	Área (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)
Araranguá	1.125	3.369	3.791	1.125	3.184	3.582
Campos de Lages	67.930	3.367	228.704	72.590	2.635	191.240
Canoinhas	152.001	3.703	562.816	157.201	3.445	541.480
Chapecó	111.390	3.253	362.404	117.120	2.332	273.181
Concórdia	8.595	3.631	31.208	8.595	2.733	23.492
Criciúma	5.780	3.445	19.911	5.780	3.259	18.840
Curitibanos	113.495	4.150	470.988	116.695	2.984	348.239
Ituporanga	8.780	3.672	32.244	9.130	2.496	22.791
Joaçaba	56.132	3.748	210.364	56.982	2.972	169.346
Rio do Sul	5.970	3.470	20.718	6.560	2.654	17.412
São Bento do Sul	12.550	3.398	42.640	12.750	3.262	41.595
São Miguel do Oeste	43.968	3.567	156.846	45.640	1.751	79.910
Tubarão	1.830	3.342	6.116	1.830	3.118	5.705
Xanxerê	155.543	3.619	562.833	155.010	2.764	428.455
Total Geral	**745.089**	**3.639**	**2.711.582**	**767.008**	**2.823**	**2.165.268**

Fonte: Epagri /Cepa - Sistema de Acompanhamento de safra.



A produtividade da soja, estimada no início e no final da safra 2021/22, apresentou comportamento diferenciado entre as regiões (Figura 3). As regiões com maior área de cultivo (acima de 100 mil hectares) tiveram uma redução superior a 20% da projeção de produtividade. Curitibanos, Xanxerê e Chapecó tiveram este movimento provocado pela estiagem no final de 2021 e início de 2022. As regiões de Canoinhas e do litoral mantiveram os rendimentos acima de 3 t/ha. A região do planalto norte se destaca com a maior área cultivada no estado.

Figura 3. Soja/Santa Catarina – Estimativa inicial e final da safra 2021/22; produtividade médias regional e estadual
Fonte: Epagri-Cepa

Safra nacional[3]

A safra brasileira de soja, estimada pela Conab (boletim de julho) para a temporada 2021/22 foi de crescimento de 4,1% em comparação à área da safra anterior, atingindo 40,95 milhões de hectares. No entanto, a expectativa da produção é de redução de 10,2%, chegando a 123,04 milhões de toneladas (Figura 4). Os problemas climáticos no sul do Brasil afetaram a produção nacional, com desdobramentos no mercado interno e internacional.[1]

Figura 4. Soja/Brasil – Estimativas da produção mensal na safra de 2021/22: área, produtividade e produção nacional
Fonte: Conab (Relatório de jul. 2022).

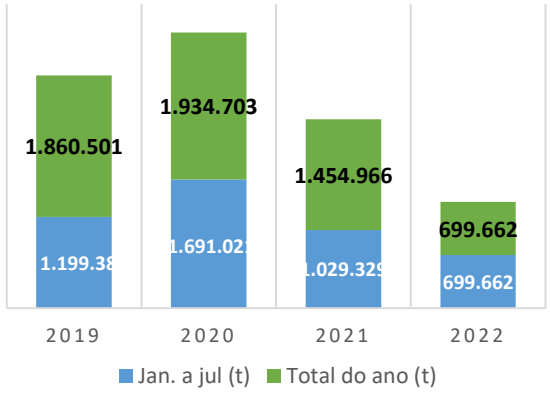
Suprimento

O suprimento considera a soma da produção do ano - estoque inicial e importações, que alcançou 131.12 milhões de toneladas (Figura 5). Por outro lado, a demanda considera o consumo interno e as exportações, somando 126,47 milhões de toneladas, o que leva a um estoque de passagem de 6,1 milhões de toneladas, cerca de 25% inferior ao da safra passada.[4]

[3] Acompanhamento da safra brasileira de grãos - Brasília, v. 9 – Safra 2021/22, n. 8 - Oitavo levantamento, p. 1-100, mai. 2022.
[4] Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v. 9 – safra 2021/22, nº 10 – Décimo levantamento | jul. 2022.

Figura 5. Soja/Brasil – Estimativa de suprimento, produção, estoque inicial, importações, consumo interno e exportações – 2021/22
Fonte: Conab (boletim de ago. 2022).

Exportações por Santa Catarina



No acumulado de janeiro a julho de 2022, as exportações do complexo soja por Santa Catarina apresentaram, quando comparadas às dos mesmos períodos, os menores volumes na série avaliada (Figura 6). A redução da produção na atual safra (2021/22) afetou diretamente o volume das exportações. Além disto, os produtores retêm uma parte da produção, aguardando cotações semelhantes às do início de março, quando se registraram valores de R$ 200,00/sc. A abertura de uma unidade industrial esmagadora de soja em Chapecó é um fator relevante para esta análise.

Figura 6. Soja/Santa Catarina – Evolução das exportações do complexa soja, volume total exportado no ano e acumulado de janeiro a julho, de 2019 a 2022
Fonte: ME, Secex, jul. 2022. Elaboração Epagri/Cepa.

Safra e mercado mundial

No relatório Usda de agosto,[5] a produção global de oleaginosas (soja, colza, palma, girassol e outras) em 2021/22 é estimada em cerca 600 milhões de toneladas. O comércio de oleaginosas está ligeiramente abaixo este mês, uma vez que a redução das exportações de soja do Brasil compensou os ganhos comerciais de colza e semente de girassol. Os estoques finais subiram com as um as exportações de soja na América do Sul. O consumo global de óleo vegetal caiu, principalmente devido às reduções no uso do cereal em rações na China. O comércio de óleos vegetais foi marcado pelas menores exportações de óleo de palma da Indonésia. Estes movimentos ajudam a explicar a queda nos preços das oleaginosas no mercado internacional nos últimos três meses.

[5] Oilseeds: World Markets and Trade. Foreign Agricultural Service/USDA, August 2022.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de julho, as cotações do trigo no mercado catarinense tiveram variação positiva de 2,82%, fechando a média mensal em R$ 107,59/sc de 60 kg. Na comparação anual, em termos nominais, os preços recebidos em julho deste ano estão 33,16% acima daqueles registrados em julho de 2021. Com o anúncio de uma possível retomada das exportações de trigo da Ucrânia, os preços no mercado internacional recuaram; contudo, permaneceram firmes na grande maioria dos estados acompanhados.

Segundo o acordo entre as partes envolvidas no conflito, a meta para os próximos quatro meses é retirar cerca de 20 milhões de toneladas de grãos de três portos marítimos ucranianos bloqueados desde a invasão de 24 de fevereiro. A comercialização no mercado interno permanece lenta; de um lado, os moinhos estão abastecidos até setembro; de outro, os produtores estão retendo sua produção na expectativa de que os preços voltem a reagir.

Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – R$/saca de 60kg

Estado	Jul. 2022	Jun. 2022	Variação mensal (%)	Jul. 2021	Variação anual (%)
Santa Catarina	107,59	104,64	2,82	80,80	33,16
Paraná	109,66	107,61	1,91	81,55	34,47
Mato Grosso do Sul	103,67	105,36	-1,60	81,25	27,59
Goiás	125,71	122,73	2,43	88,20	42,53
Rio Grande do Sul	113,42	111,63	1,60	79,29	43,04

Nota: Trigo Pão PH78.
Fonte: Epagri/Cepa (SC); Deral/Seab (PR); Conab (MS, GO e RS) - ago. 2022.

No Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R$ 113,42/sc de 60 kg, alta de 1,60% frente à de junho, e elevação de 43,04% na comparação com julho de 2021. O preço médio do trigo no mercado-balcão do Paraná foi de R$ 109,66/sc de 60 kg, alta de 1,91% frente a junho, porém, 34,47% maior que o de julho de 2021. No Mato Grosso do Sul, a média mensal foi de R$ 103,67/sc de 60 kg, baixa de 1,60% frente a junho e alta de 27,59% em um ano.

O preço médio recebido pelos produtores catarinenses alcançou o maior valor nominal da série histórica publicada pelo Epagri/Cepa (fevereiro/2007). Entretanto, vale a pena ressaltar que os custos de produção dessa safra estão extremamente elevados. Para o mês de abril de 2022, o preço de nivelamento para os produtores com produtividade média de 3.600 kg/ha estava em R$ 91,44/sc 60 kg, ou seja, para cobrir os custos de produção, esse é o preço mínimo que o produtor deveria receber por cada saca produzida. Para uma produtividade de 4.200 kg/ha, o preço de nivelamento sobe para R$ 100,44/sc de 60kg.

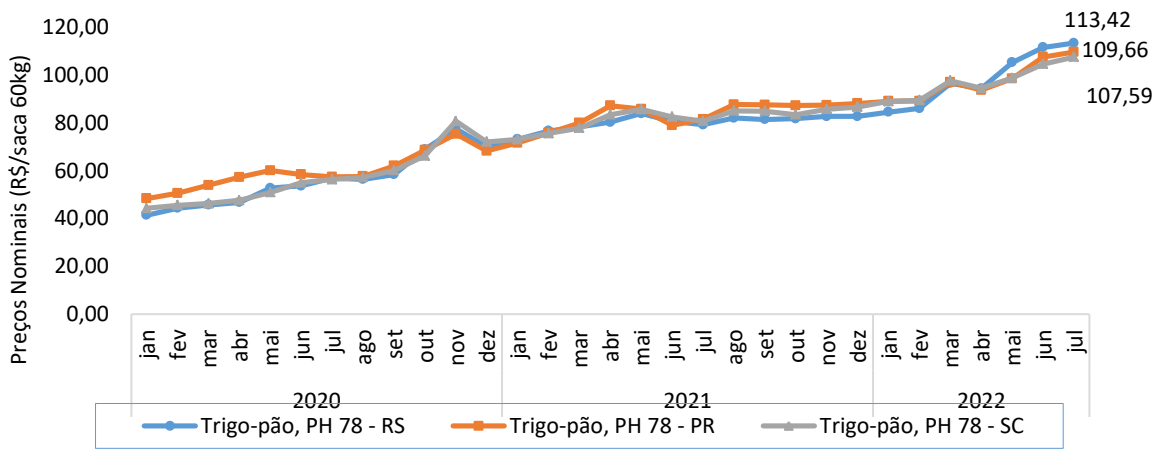


Figura 1. Trigo – RS, PR e SC: evolução dos preços nominais ao produtor de trigo – jan. 2020 a jul. 2022
Fonte: Epagri/Cepa, 2022.

Safra Catarinense

Nos municípios da microrregião geográfica de Canoinhas (Planalto Norte Catarinense), o mês de julho registrou baixo volume de chuva, prejudicando o desenvolvimento das plantas e rebaixando as condições de lavoura para os atuais 30%, em condição média, e para 70%, em boas condições. A cultura se encontra em fase de desenvolvimento vegetativo e início de perfilhamento, período em que a planta requer boa umidade no solo. As previsões de chuva para a região apontam para volumes mais expressivos a partir da semana 32/33. A condição fitossanitária das lavouras é considerada boa. Para o plantio nos municípios da MRG de São Bento do Sul, a ocorrência de grandes variações de temperatura tem promovido a diminuição de perfilho e acelerado o desenvolvimento das plantas, podendo ocorrer redução de produtividade.

Para as lavouras localizadas nos municípios de abrangência das MRG's de Chapecó e Xanxerê, de forma geral, as áreas de cultivo se desenvolvem muito bem. Na região de Chapecó, nas áreas semeadas mais cedo, já há registro de início de floração. Na última semana de julho, temperaturas altas e com bom volume de chuva na região favorecem o desenvolvimento das lavouras. Os produtores seguem fazendo os tratos culturais, como as aplicações de nitrogênio e herbicidas, a fim de garantir o potencial produtivo das lavouras.

Nas MRG's de Curitibanos, Joaçaba e Concórdia, as temperaturas e chuvas adequadas ocorridas na última semana de julho favoreceram o desenvolvimento das lavouras a campo, bem como permitiram aos produtores finalizar o plantio e realizar os tratos culturais requeridos pelo período, como aplicação de herbicidas e adubação nitrogenada. De forma geral, as lavouras foram avaliadas como boas e ótimas e ainda não há nelas registros de doenças ou pragas.

Nos municípios produtores da MRG de Campos de Lages, a fase de plantio foi praticamente concluída, devendo encerrar-se até o final da segunda semana de agosto. Para os municípios da MRG de São Miguel do Oeste, de maneira geral, o estado fitossanitário é considerado satisfatório, com produtores dando continuidade às aplicações de adubação nitrogenada e de herbicidas, conforme necessidades da cultura e recomendações técnicas.

Em todo o estado, as operações de plantio estão praticamente concluídas. Até a última semana de julho, tem-se registrado a semeadura de 97,18% da área destinada ao plantio de trigo. As condições de desenvolvimento das lavouras são consideradas muito boas por técnicos e produtores. Até o momento, as estimativas apontam para uma área plantada de 135 mil hectares, o que representa um aumento de 32% em relação à safra passada. A produtividade também deverá crescer cerca de 2%, podendo sofrer

alteração, para mais ou para menos, em função das condições climáticas. Nessa safra, a expectativa é de se colher cerca de 468 mil toneladas, o que representa um crescimento de 35% em relação à safra anterior.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2021/22 e estimativa da safra 2022/23

Microrregião	Safra 2021/22			Estimativa da safra 2022/23			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	3.465	14.313	4.131	7.215	29.123	4.036	108	103	-2
Canoinhas	22.700	73.740	3.248	25.800	92.464	3.584	14	25	10
Chapecó	24.520	74.847	3.052	27.370	84.264	3.079	12	13	1
Concórdia	1.810	6.540	3.613	3.455	13.119	3.797	91	101	5
Curitibanos	14.320	63.892	4.462	24.280	100.356	4.133	70	57	-7
Ituporanga	1.940	4.488	2.313	3.660	8.379	2.289	89	87	-1
Joaçaba	6.116	22.675	3.707	9.580	34.950	3.648	57	54	-2
Rio do Sul	1.060	2.430	2.292	1.990	4.811	2.418	88	98	5
São Bento do Sul	1.150	3.710	3.226	1.350	4.520	3.348	17	22	4
São M. do Oeste	8.260	24.859	3.010	7.380	21.031	2.850	-11	-15	-5
Xanxerê	17.450	56.300	3.226	23.210	74.902	3.227	33	33	0
Santa Catarina	**102.791**	**347.794**	**3.384**	**135.290**	**467.919**	**3.459**	**32**	**35**	**2**

Fonte: Epagri/Cepa - ago. 2022

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

O desenvolvimento produtivo da cultura do alho no Brasil nos últimos anos indica claramente que, nos próximos, o País pode alcançar a autossuficiência na produção. Além dos incrementos técnicos de maior eficiência na produção, aspectos da legislação contribuem fortemente para alcançar esse objetivo.

Um fato importante, que seguramente irá proporcionar mais segurança no caminho da autossuficiência, é a publicação no Diário Oficial da União da Portaria do Mapa n° 435, de maio de 2022, que finalmente incorpora ao ordenamento jurídico nacional o Regulamento Técnico MERCOSUL de identidade e Qualidade do Alho, aprovado pela Resolução GMC-MERCOSUL nº 05/21.

A referida portaria estabelece os parâmetros técnicos de qualidade e identidade da cultura para a comercialização em território nacional. Esta questão era reivindicada pelo setor produtivo desde longa data, pois os impactos afetavam fortemente os resultados econômicos da atividade, especialmente na produção catarinense.

Mercado e preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, o alho roxo nobre nacional, classe 5, iniciou o mês a R$17,06/kg, aumento de 2,21% em relação ao início do mês de junho. No mesmo período, o alho classe 6 foi comercializado a R$19,05/kg, redução de 1,42%, e o alho tipo 7 foi comercializado a R$21,90/kg, aumento de 0,66%. A partir do início da segunda quinzena do mês, os preços tiveram pequenas reduções, fechando o mês de julho com os seguintes preços: o alho classe 5, a R$15,45/kg, redução de 9,96%; o alho classe 6, a R$17,09/kg, redução de 11,47% em relação ao início do mês. O alho classe 7 foi comercializado a R$19,99/kg, redução de 9,55% no mês.

Por sua vez, no mês de julho, o alho argentino também teve reduções de preço no atacado, fechando, para o alho classe 5, em R$13,50/kg, redução de 18,14%; o alho classe 6, a R$ 14,50/Kg, redução de 16,89% e o alho classe 7, a R$15,50/kg, redução de 15,80% no mês.

O mês de agosto se iniciou mantendo a tendência de baixa nos preços em relação aos do final do mês de julho. O alho roxo nacional classe 5 foi comercializado, no final da primeira semana do mês, a R$14,90/kg, redução de 3,69%; já o alho classe 6 passou a R$16,34/kg, redução de 4,59% e o alho classe 7, a R$17,81/kg, redução de 12,24 % em relação ao final do mês de julho.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho nobre nacional permaneceu com preços estáveis praticamente ao longo de todo o mês de julho. Dessa forma, o produto classes 4 e 5 foi comercializado a R$15,50/kg, enquanto o produto das classes 6 e 7, a R$17,00/kg. O alho importado, classes 4 e 5, também permaneceu com preço estável, sendo comercializado a R$15,50/kg.

Produção

Em Santa Catarina, as atenções estão voltadas para a nova safra - a 2022/23. As estimativas sobre ela foram realizadas pela Epagri/Cepa em junho. Conforme os dados apresentados, o estado apresenta redução da área plantada em relação à safra 2021/22, fruto do impacto de resultados da safra que não foram satisfatórios para os produtores catarinenses. No mês de julho, houve atualização dos dados da

estimativa de produção para a safra 2022/23, com a identificação de aumento, em relação à previsão inicial, de 20 ha na área plantada no município de Água Doce. Dessa forma, no estado deverão ser plantados 1.490 ha, redução de 21,47% em relação à safra passada. Em termos de produção, a redução esperada é de 19,10%, passando de 19.129t, para 16.060t, com uma expectativa de aumento na produtividade de 1,98%, a depender das condições climáticas no período de desenvolvimento da cultura.

Com relação à safra passada, o retorno econômico esperado pelos produtores foi afetado pela produção de bulbos de baixo calibre em razão dos efeitos da estiagem e de outros fatores técnicos. Dentre estes, o uso de alho-semente de bulbilhos menores para a formação das lavouras. Na figura 1, apresentamos a evolução da produção da cultura do alho em Santa Catarina desde a safra 2018/19, à estimativa de produção da safra 2022/23.

A safra catarinense de alho 2022/23 já está totalmente implantada, de acordo com as informações de campo do Projeto Safras da Epagri/Cepa. Segundo a mesma fonte, as condições das lavouras são de boas a muito boas para o início do ciclo produtivo.

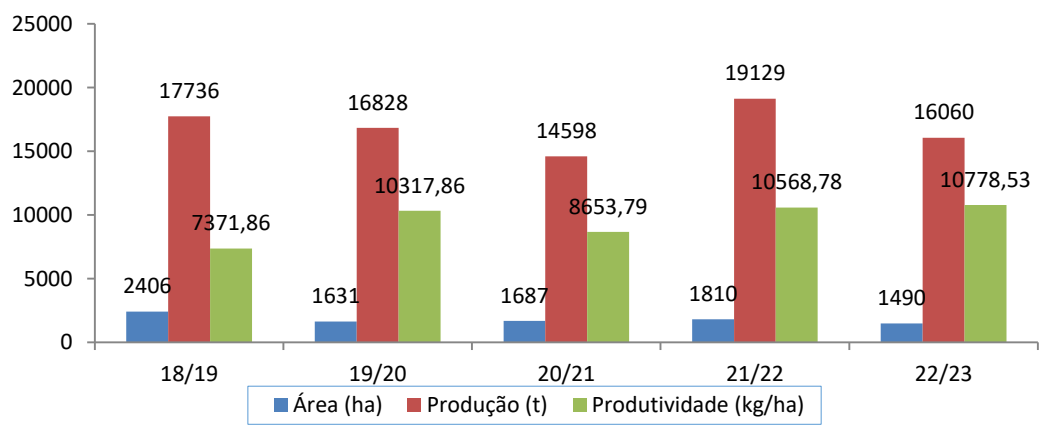


Figura 1. Alho – Santa Catarina: evolução da Área Plantada, Produção e Produtividade – Safras 2018/19 a 2022/23
Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em julho de 2022, foram importadas 8,43 mil toneladas de alho, redução de 38,64% em relação às do mês de junho. O volume internalizado nos primeiros sete meses é de 85,60 mil toneladas, com redução de 14,47% em relação às do mesmo período do ano passado, quando haviam sido importadas 100,07 mil toneladas. Em 2021, o Brasil importou o menor volume no período analisado, volume que também foi o mais baixo dos últimos quinze anos, fechando com uma importação de 125,68 mil toneladas, ou seja, com uma redução de 35,04% em relação a 2020, favorecendo a produção nacional da hortaliça. Se mantida a tendência atual, este deverá ser o ano do menor volume importado da série histórica (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan. 2018/jul. 2022 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,46
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,68
2022	9,2	13,89	15,43	11,48	13,43	13,74	8,43	-	-	-	-	-	85,60

Fonte: Comexstat/ME (ago. 2022).

Com relação ao alho importado (FOB), no mês de julho houve significativa redução de preço médio, passando de US$1,20/kg para US$1,07/kg, ou redução de 12,15% (Figura 2).

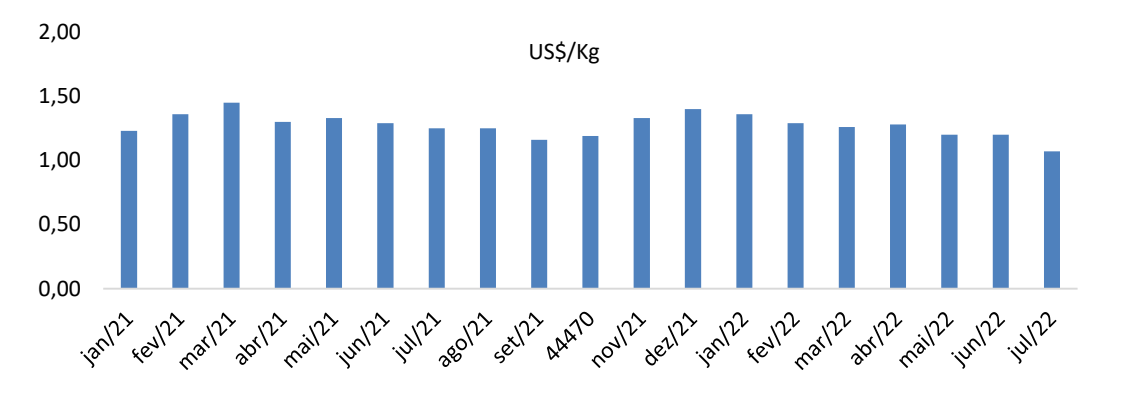


Figura 2. Alho – Brasil: preço médio (FOB) da importação (US$/Kg) – jan. 2021/jul. 2022
Fonte: ComexStat/ME (ago. 2022).

Na figura 3, apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal do Brasil no período de janeiro de 2021 a julho de 2022. O desembolso com a importação no mês de julho foi de US$9,02 milhões (FOB), redução de 45,20% em relação ao desembolso com a importação do mês de junho. O volume importado - de 8,43 mil toneladas - representou uma redução de 38,64%.

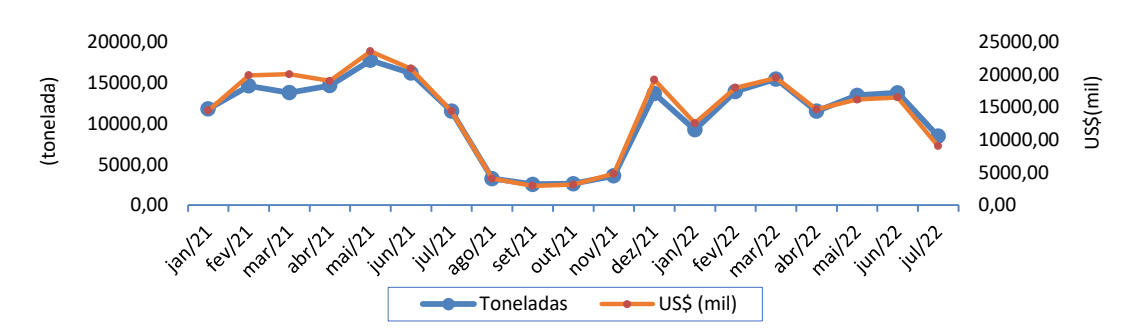


Figura 3. Alho – Brasil: volume (t) e valores (mil US$) da importação de jan. 2021/jul.2022
Fonte: ComexStat/ME (ago.2022).

Os principais fornecedores da hortaliça ao Brasil, no mês de julho, foram a Argentina, com 3,33 mil toneladas, perfazendo 39,8% da importação no mês; a China, com 2,66 mil toneladas, o equivalente a 31,6%; a Espanha, com 1,91 mil toneladas, 22,8% do volume, e os demais países, com 491 toneladas, perfazendo 5,8% do total importado (Figura 4).

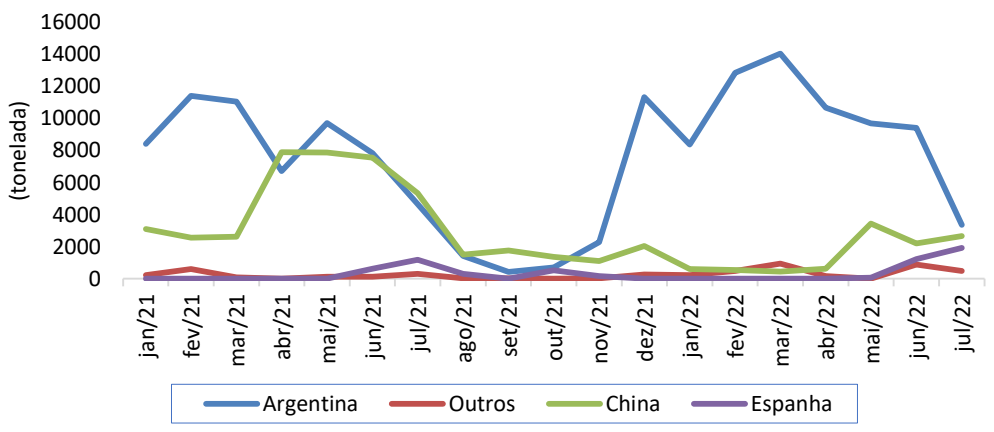


Figura 4. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores – jan. 2021/jul. 2022 (t)
Fonte: Comexstat/ME (ago.2022).

Considerando a importância da cultura para Santa Catarina e a publicação da Portaria do Mapa n° 435/2022, que deve contribuir para a melhoria da competitividade do alho catarinense, é primordial que o estado aproveite a oportunidade e desenvolva um plano estadual de apoio à cultura em função dos milhares de famílias que têm na atividade importante fonte de renda. Neste sentido, mantemos o registro das demandas pautadas pela cadeia produtiva junto à Câmara Técnica do Alho do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, realizada em 15/12/2021, agregando como mais uma limitação que os produtores catarinenses enfrentam, que são os incentivos fiscais para que empresas importadoras se instalem no estado, o que afeta a competitividade do alho catarinense em relação a outros estados.

A pauta lista um conjunto de ações das políticas públicas de apoio à produção da hortaliça em Santa Catarina, como se segue:

- maior rigor do estado na fiscalização nas fronteiras quando da entrada do produto importado, exigindo o cumprimento das normas do Mercosul;
- maior envolvimento da estrutura do estado na construção e divulgação da IG do alho roxo do planalto catarinense;
- melhorias e manutenção das estações meteorológicas da região produtora de alho;
- apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural (SAR) à pesquisa sobre a cultura, com financiamentos para a produção e a aquisição de sementes de qualidade superior e livre de vírus;
- estruturação do programa de apoio à infraestrutura de produção das propriedades produtoras, especialmente na armazenagem de água para a irrigação.

A pauta apresentada pela Câmara Setorial é o patamar mínimo de iniciativas e ações que a cadeia produtiva espera para manter uma produção economicamente competitiva e viável no estado.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra catarinense 2022/23 de cebola está sendo implantada e deve ser concluída até o final deste mês. Como registrado em nossas edições anteriores, os produtores, apesar da elevação dos custos de produção para esta safra, conseguiram, de forma geral, manter um padrão tecnológico semelhante ao das safras anteriores. Dessa forma, em condições climáticas adequadas, a tendência é de que o estado ultrapasse a produção de 500 mil toneladas da hortaliça.

Preços e mercado

No mês de julho, o mercado nacional foi abastecido pelas regiões do Triângulo Mineiro, Goiás, Nordeste e pela safra de cebola paulista em início de colheita. A conjuntura de mercado no mês de julho foi de oferta e demanda equilibrada, permitindo, de forma geral, boa remuneração aos produtores.

Na Ceagesp/SP, o mês de julho se iniciou com preço de R$2,86/kg para a cebola nacional média, redução de 22,02% em relação ao início do mês de junho, que era de R$3,49/kg. Ainda na primeira semana de julho, as cotações se elevaram, ficando acima de R$3/kg e fechando o mês em R$3,55/kg, aumento de 24,12% em relação ao final de mês de junho.

O mês de agosto se iniciou com preço estável para a cebola nacional tamanho médio, em relação ao final de julho, permanecendo em R$3,55/kg até o dia 8. Houve pequeno aumento nos dias seguintes, fechando no dia 12/8/22 em R$3,58/kg - aumento de 0,84%.

Na Ceasa/SC (unidade de São José), o mês se iniciou com preço da cebola no atacado a R$3,00/kg, redução de 25% em relação ao preço do início de junho. Com oferta e demanda equilibradas, a cotação da cebola nacional voltou a subir e fechou o mês em R$3,75/kg, aumento de 25% em relação ao início do mês. A cebola importada da Argentina manteve-se durante todo o mês de julho com preço de atacado em R$3,75/kg, permanecendo no mesmo patamar no início de agosto.

Safra catarinense

Os dados da estimativa de produção para a safra catarinense 2022/23 de cebola, lançada pela Epagri/Cepa no mês de junho, indicam que o estado continuará como o maior produtor nacional da hortaliça. O levantamento de campo do Projeto Safras da Epagri/Cepa, no mês de julho registrou um incremento na área a ser plantada em relação à estimativa inicial anunciada no mês de junho. Constatou-se esse aumento - 0,52% em relação ao mês anterior - nos municípios de Campos Novos e Monte Carlo, totalizando 106ha. Dessa forma, mantendo-se a produtividade média esperada - 29.798/kg/ha -, a produção do estado passa de 523 mil toneladas para 525 mil toneladas.

A implantação das lavouras no mês de julho foi favorecida pela boa condição de umidade no solo e maior disponibilidade de mão de obra para o transplante, especialmente na principal região produtora do estado, a região do Alto Vale. Dessa forma, de acordo com o levantamento de campo em Santa Catarina, já foram plantados 14.215 ha, ou aproximadamente 80,56% da área de plantio estimada para a safra 2022/23.

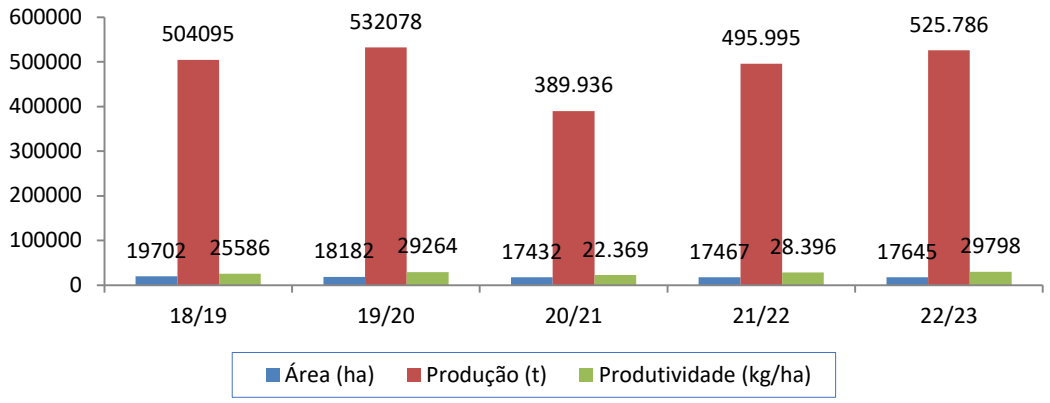


Figura 1. Cebola – Santa Catarina: evolução da área plantada – produção e produtividade – Safras 2018/19 a 2022/23
Fonte: Epagri/Cepa (ago. 2022).

Importação

De acordo com o Siscomex/ME, que registra as importações de cebola pelo Brasil, os números indicam redução no volume anual importado pelo País. A redução se deve, dentre outros fatores, aos efeitos da pandemia da Covid-19, à elevação do custo do frete marítimo e à taxa de câmbio, com desvalorização do real frente ao dólar.

Em 2021, o País importou 116.961 toneladas de cebola, volume 40,85% menor que em 2020. De janeiro a julho de 2022, as importações foram de 128.744 toneladas, cerca de 12,25% a mais em relação às importações do mesmo período do ano passado, como mostra a tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2019 a junho de 2022 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	**211.520**
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	**197.752**
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1.011	**116.961**
2022	668	3.220	29.178	30.254	53.043	12.237	144,02	-	-	-	-	-	**128.744**

Fonte: ComexStat/ME (ago. 2022).

Apesar da redução nas importações de cebola pelo Brasil nos últimos anos, o País é um mercado importante para a produção de alguns países, notadamente a Argentina. Nela, Apresentamos, na tabela 2, os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2021 e no período de janeiro a julho de 2022, contendo os respectivos volumes (t) e valores em US$ (FOB).

Em 2021, das 116,9 mil toneladas de cebola importadas, 98,65 mil vieram da Argentina, ou seja, o que representa 84,34% do volume total. Dos Países Baixos, foram 8,76 mil toneladas, ou 7,49% do total; do Chile, 7,15 mil toneladas, o equivalente a 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% da importação. O preço médio FOB foi de US$0,23/kg, com desembolso total, pelo País, de aproximadamente US$27,25 milhões (FOB) (Tabela 2).

Em 2022, o volume importado até o mês de julho foi de 128.744 toneladas, sendo a Argentina o principal fornecedor, seguido pelo Chile. O preço médio desse ano é de US$0,24/kg (FOB) - aumento de 4,34% em relação ao preço médio do ano passado.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2021 e 2022[1]

Países	2021		2022[1]	
	(US$ mil) FOB	Volume (t)	(US$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	**98.650**	19.588,24	**98.789,28**
Chile	2.888,34	**7.155**	10.143,06	**24.935,12**
Países Baixos	3.161,48	**8.767**	1.450,90	**4.124,40**
Espanha	409,52	**2.008**	300,20	**796,0**
Nova Zelândia	58,3	**104**	0,00	**0,0**
Uruguai	84,93	**253**	0,00	**0,0**
Peru	10,00	**24**	6,25	**50,0**
Estados Unidos	0,00	**0,00**	15,45	**50,0**
Total	**25.774,83**	**116.961,00**	**31.504,10**	**128.744,80**

[1] Valores até julho de 2022.
Fonte: ComexStat/ME (ago. 2022).

Em julho, foram importadas 144 toneladas da hortaliça, significando apenas 1,18% do volume internalizado no mês passado. O desembolso do País, no mês, foi de US$78,9 mil, como pode ser visto na figura de comportamento das importações de cebola pelo Brasil (Figura 2).

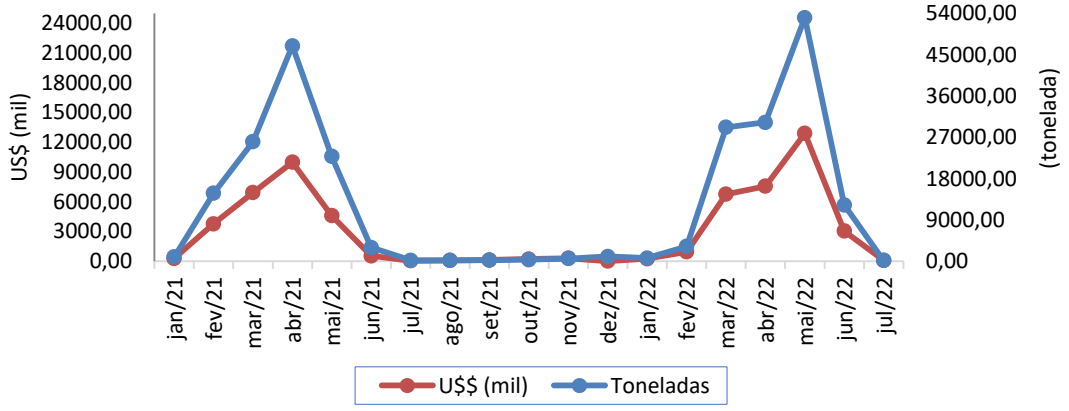


Figura 2. Cebola – Brasil: importação mensal – jan. 2021/jul. 2022
Fonte: ComexStat/ME (ago./2022).

No mês de julho, os países fornecedores da hortaliça para o Brasil foram a Argentina (com 58 toneladas, 40,27% do volume total) e o Chile (com 86,01 toneladas, significando 59,73% das importações).

O comportamento das importações de cebola pelo Brasil pode ser visto na figura 3. Neste sentido, percebe-se que é no primeiro semestre que ocorre a entrada do maior volume de cebola estrangeira. Coincidentemente, é o período de comercialização da produção catarinense da hortaliça, sendo a cebola argentina nossa concorrente direta.

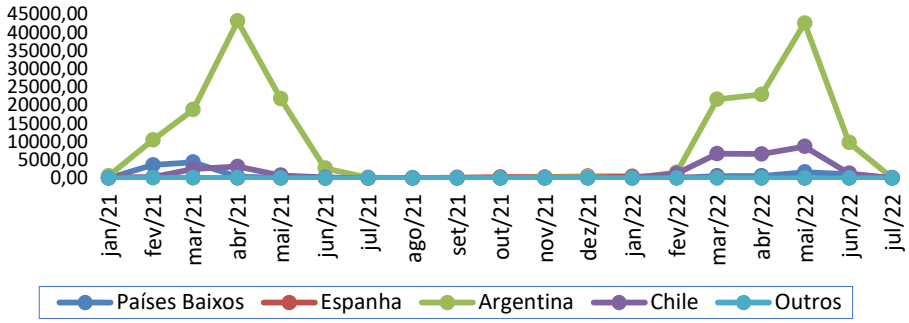


Figura 3. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores (t) – jan. 2021/ jul. 2022
Fonte: ComexStat/ME (ago./2022).

Pelos números anunciados no lançamento da estimativa da safra 2022/23 de cebola pela Epagri/Cepa, o estado de Santa Catarina deverá manter-se como o maior produtor nacional da hortaliça, com aproximadamente 30% da produção brasileira. Com o incremento de área identificado pelo acompanhamento do Projeto Safras, a produção do estado passa a ser estimada em 525 mil toneladas, em caso de condições climáticas normais, sem eventos climáticos graves que afetem a produção das lavouras.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Assim como observado desde o início deste ano, os preços do frango vivo apresentaram movimentos ligeiramente distintos nos dois principais estados produtores. Na comparação entre as primeiras semanas de agosto e as médias do mês anterior, registrou-se queda de 1,0% no Paraná, enquanto os preços de Santa Catarina se mantiveram inalterados. Quando se comparam os valores atuais com os de agosto de 2021, as variações são de 19,9% em Santa Catarina e de -2,3% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,1%, segundo o IPCA/IBGE.

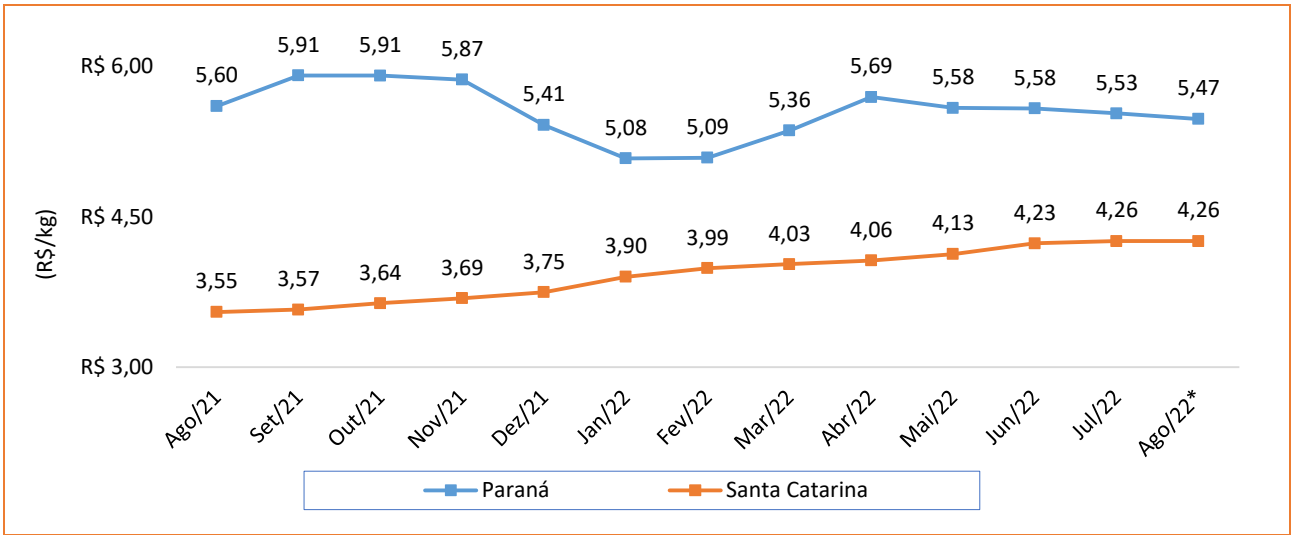


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R$/kg)
(1) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR); IEA (SP).

Os preços do frango vivo mantiveram-se inalterados entre julho e as primeiras semanas de agosto nas três praças estaduais de levantamento. Na comparação com agosto de 2021, observam-se variações positivas em todos os casos: 26,6% no sul catarinense; 18,7% em Chapecó e 12,3% em Joaçaba.

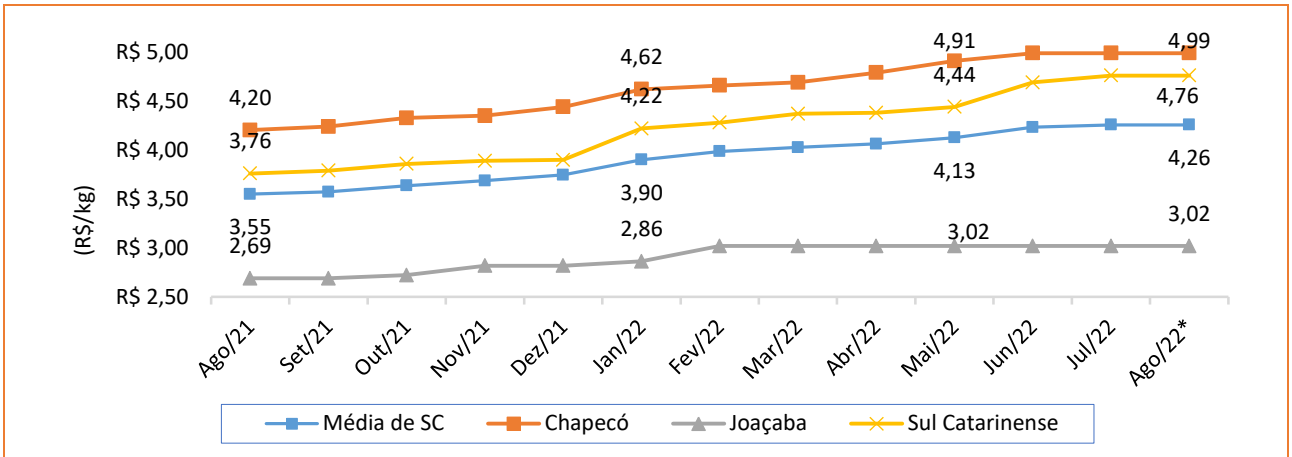


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais praças do estado (R$/kg)
(1) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

No mercado atacadista, os preços das primeiras semanas de agosto foram marcados pela ocorrência de comportamentos distintos, de acordo com o tipo de corte. Na comparação com as médias do mês anterior, observaram-se quedas de 1,6% para o filé de peito e de 1,4% para a coxa/sobrecoxa, enquanto o peito com osso e o frango inteiro apresentaram altas de 5,2% e de 0,4%, respectivamente. A variação média dos quatro cortes foi de 0,7%. Vale mencionar que, mesmo com a comemoração do dia dos pais, data que costuma estimular o consumo de carnes, a variação média do início de agosto ficou abaixo da observada no mês anterior. Contudo, o forte ritmo de exportações deve contribuir para manter a tendência de alta ao longo do 2º semestre, embora em taxas menos expressivas.

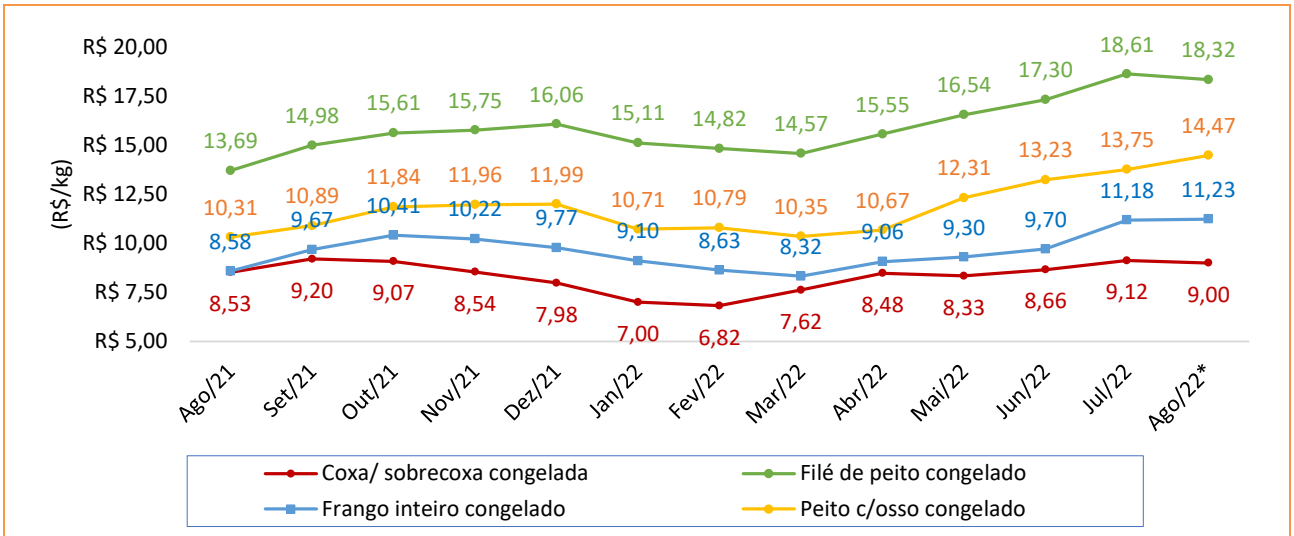


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R$/kg)
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os preços preliminares de agosto e os do mesmo mês de 2021, todos os cortes apresentaram expressivas variações positivas: 40,3% para o peito com osso; 33,8% para o filé de peito; 30,8% para o frango inteiro e 5,5% para a coxa/sobrecoxa. A variação média foi de 27,6%.

Custos

Em julho, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou queda de 0,4% em relação ao mês anterior. No ano, o indicador acumula alta de 4,6%, enquanto nos últimos 12 meses a variação foi de 5,3%, decorrente, principalmente, da elevação dos gastos com nutrição e pintos de 1 dia.

Após quatro quedas consecutivas, a relação de troca insumo-produto apresentou alta de 4,0% nas primeiras semanas de agosto em razão do aumento no preço do milho em Chapecó, já que, na mesma praça, o preço do frango vivo manteve-se inalterado. O valor atual dessa relação de troca está 27,3% abaixo daquele registrado em agosto de 2021.

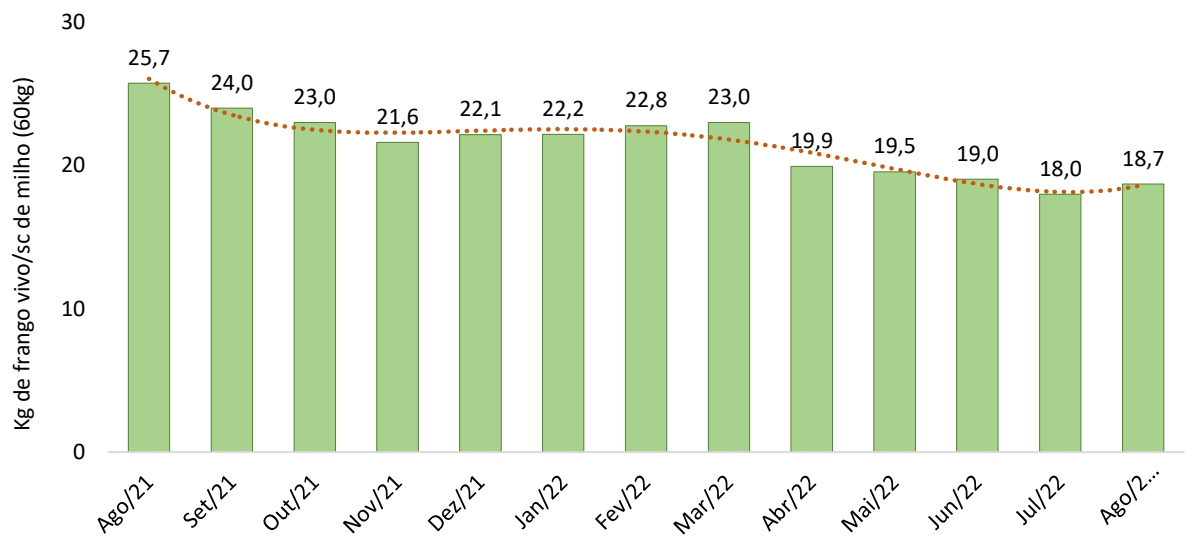


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho
Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó/SC.
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **393,10 mil toneladas** de carne de frango (*in natura e* industrializada), queda de **6,1%** em relação às exportações do mês anterior, e de **4,4%** na comparação com as de julho de 2021**.** As receitas foram de **US$875,15 milhões**, redução de **6,1%** em relação a junho, mas alta de **21,3%** na comparação com julho de 2021.

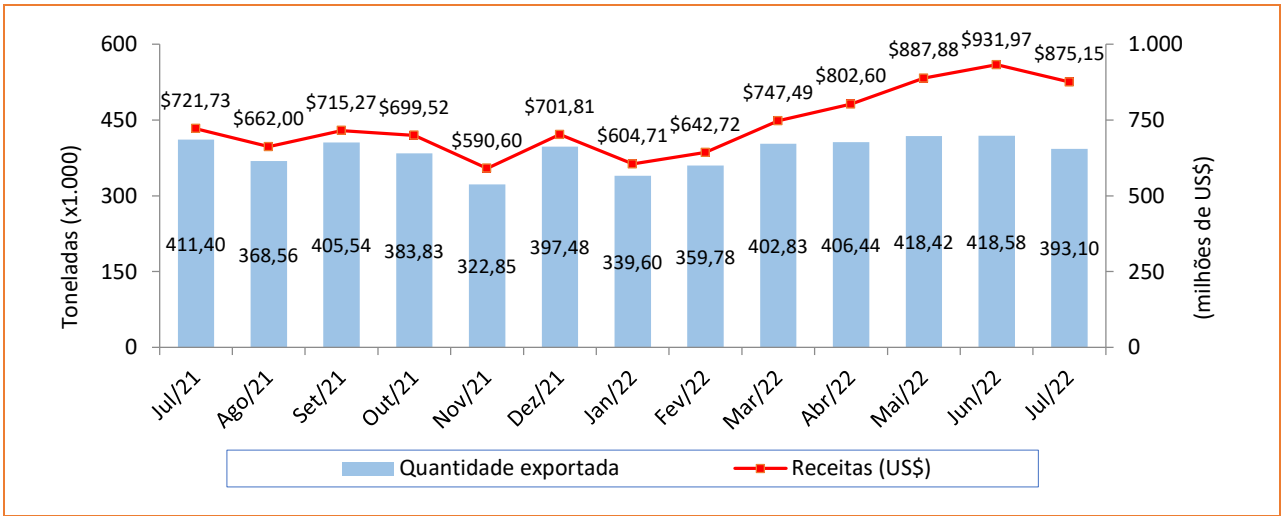


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas
Fonte: Comex Stat.

No acumulado do ano (janeiro a julho), o Brasil exportou **2,74 milhões de toneladas**, com receitas de **US$5,49 bilhões**, altas de **5,8%** e **33,3%,** respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado.

Segundo estimativas da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), divulgadas no final de julho, as exportações brasileiras de carne de frango devem crescer até 6% em 2022. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) também divulgou nota em que projeta o mesmo índice de crescimento para os embarques de carne de frango neste ano.

Em julho, Santa Catarina exportou **87,35 mil** toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), quedas de **2,5%** em relação às exportações do mês anterior e de **4,1%** na comparação com as de julho de 2021. As receitas, por sua vez, foram de **US$203,20 milhões**, queda de **3,9%** em relação às do mês anterior, mas alta de **17,9%** na comparação com as de julho de 2021.

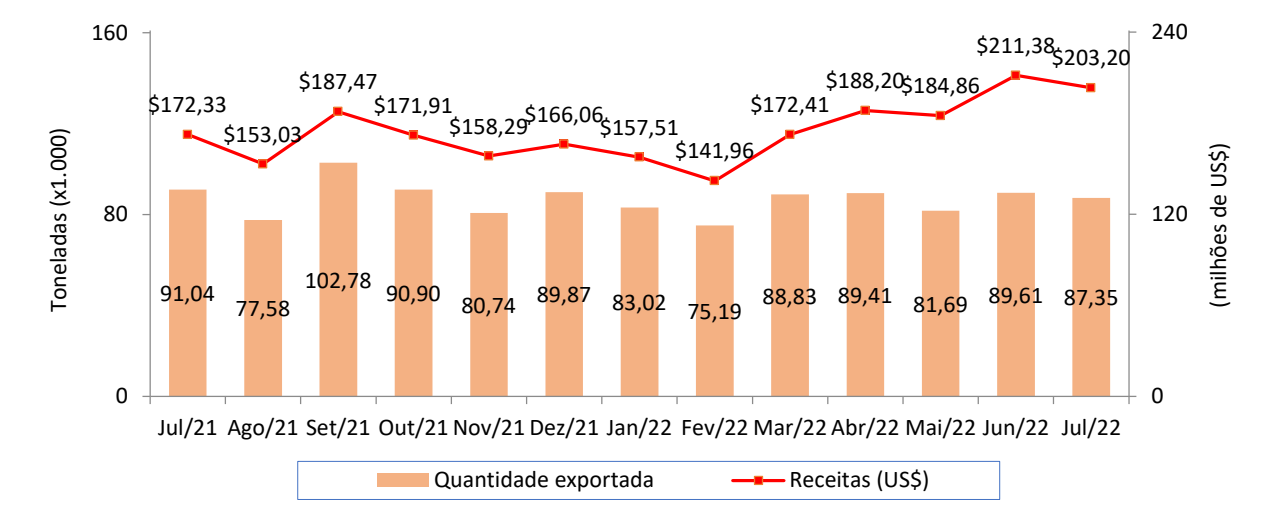


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas
Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em julho foi de **US$2.266,40/t**, queda de **0,4%** em relação ao do mês anterior, mas alta de **23,1%** na comparação com o de julho de 2021.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou **595,09 mil toneladas**, com receitas de **US$ 1,26 bilhão**, altas de **2,0%** e **25,7%**, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **22,9%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango neste ano.

A figura 7 apresenta a participação dos principais destinos do frango catarinense no valor das exportações deste ano.

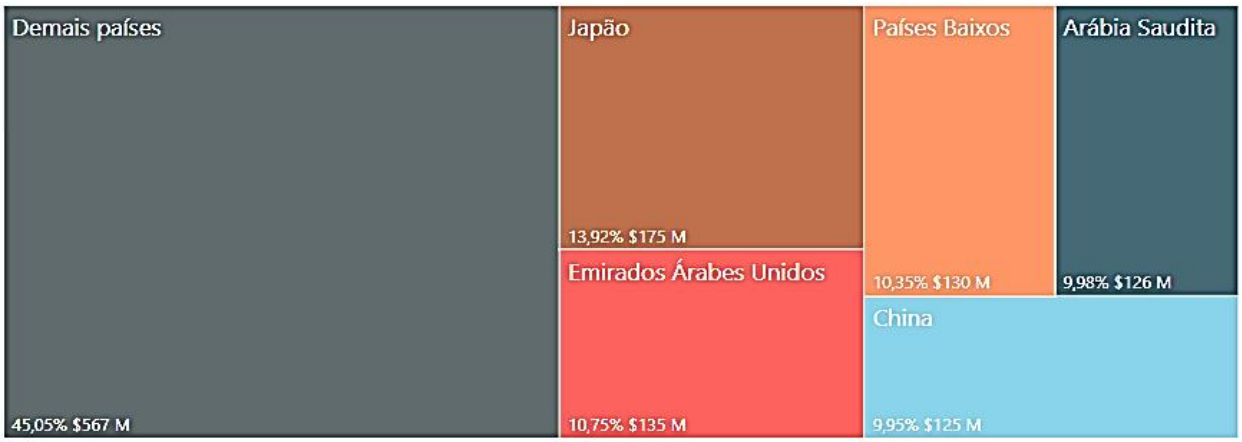


Figura 7. Carne de frango – Santa Catarina: participação dos principais destinos nas receitas das exportações – jan./jul. 2022
Fonte: Comex Stat.

Os cinco principais destinos registraram aumento nas receitas das exportações deste ano em relação ao mesmo período do ano passado, com destaque para os Emirados Árabes Unidos (52,7%) e os Países Baixos (35,0%). Em termos de quantidade embarcada, também predominaram as altas, embora dois importantes destinos tenham apresentado quedas: de -10,5% para o Japão e de -7,2% para a China.

Os significativos valores atingidos pela carne de frango brasileira têm sido apontados por muitos analistas como um dos motivos para a diminuição das vendas à China, que busca diversificar suas importações de carne, pois, em razão do grande volume de compras, consegue obter preços mais atrativos no mercado internacional.

Produção

Segundo os resultados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 2º trimestre de 2022 foi abatido 1,49 bilhão de frangos no Brasil, aumento em relação ao mesmo período de 2021, mas queda na comparação com o 1º trimestre de 2022 (Figura 8).

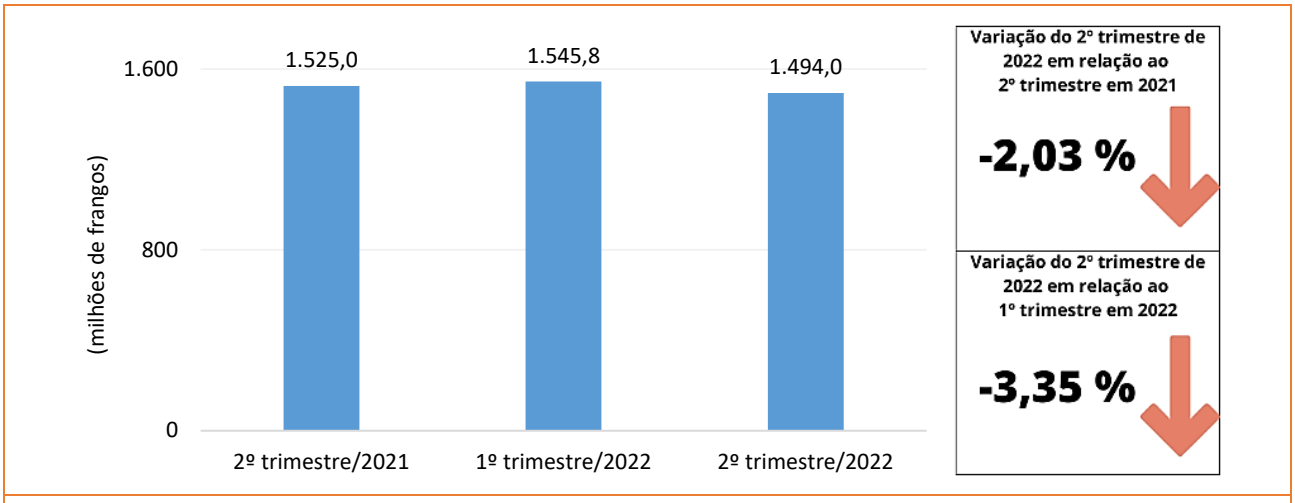


Figura 8. Frangos – Brasil: abate por trimestre
Fonte: IBGE.

Ainda de acordo com o IBGE, a produção de carne de frango no 2º trimestre deste ano foi de 3,63 milhões de toneladas de carcaça, montante 0,6% superior ao do 2º trimestre de 2021, mas 3,7% inferior ao do 1º trimestre deste ano.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Em julho, os preços do boi gordo apresentaram movimentos de alta em quase todos os principais estados produtores. Nas primeiras semanas de agosto, contudo, voltaram a predominar as quedas. Na comparação com as médias de julho, observam-se as seguintes variações: -3,4% no Rio Grande do Sul; -3,3% em São Paulo; -2,6% no Mato Grosso do Sul; -1,8% em Minas Gerais; -1,4% em Goiás; -1,0% no Mato Grosso e -0,6% no Paraná. A única exceção foi Santa Catarina, que registrou leve alta, de 0,2% no período.

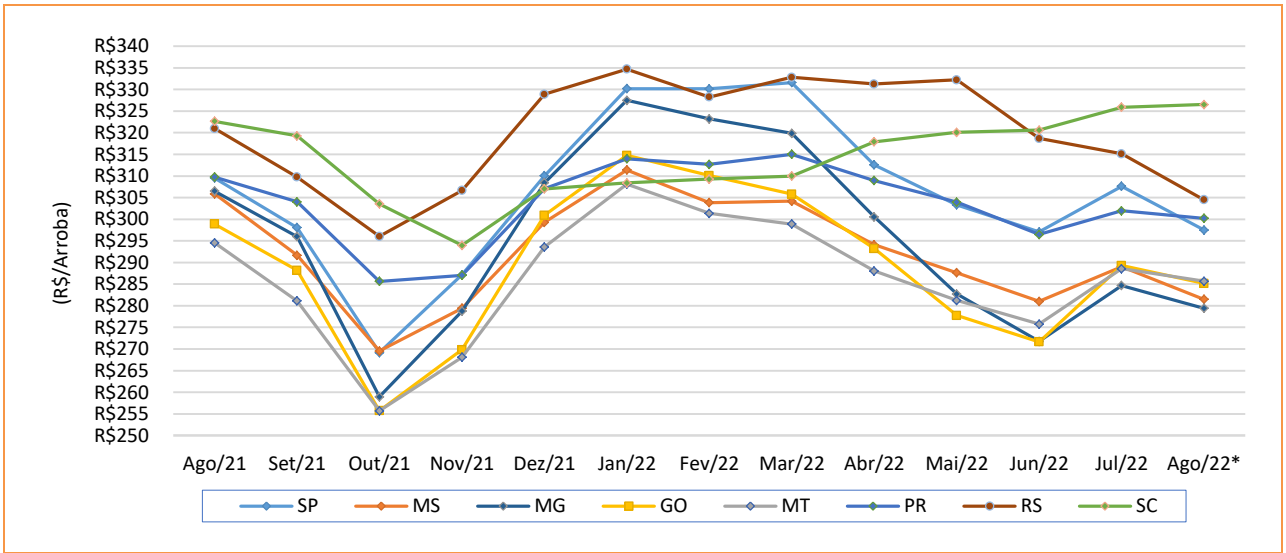


Figura 1. Boi gordo – SC[(1)], SP[(2)], MG[(2)], GO[(2)], MT[(2)], MS[(2)], PR[(3)] e RS[(4)]: evolução dos preços da arroba (R$/arroba)
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fontes: [(1)]Epagri/Cepa; [(2)]Cepea; [(3)]Seab; [(4)]Nespro.

Na comparação entre os preços atuais e os de agosto de 2021, também se verifica predominância de variações negativas: -8,8% em Minas Gerais; -8,0% no Mato Grosso do Sul; -5,1% no Rio Grande do Sul; -4,6% em Goiás; -3,9% em São Paulo; -3,1% no Paraná e -3,0% no Mato Grosso. Somente Santa Catarina registrou alta: 1,2%. É importante destacar que as variações levam em consideração os valores nominais. Segundo o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,1%, o que significa, na prática, que nenhum estado apresentou variações positivas quando se consideram os valores corrigidos e que as diferenças reais em relação aos do ano anterior são ainda mais expressivas do que as apontadas anteriormente.

O cenário de desvalorização da arroba bovina, apesar do forte ritmo das exportações, decorre essencialmente do baixo consumo desse tipo de carne no mercado interno, devido ao fragilizado poder de compra da população, dentre outros fatores. Há expectativa de que esse movimento de queda não seja muito expressivo em função da redução na oferta de animais prontos para o abate, característica do período de entressafra.

Em Santa Catarina, observaram-se movimentos distintos na primeira quinzena de agosto entre as duas praças de referência para o preço do boi gordo: alta de 0,4% em relação ao mês anterior em Chapecó e queda de 2,5% em Lages. Na comparação com o preço do boi gordo de agosto de 2021, registra-se alta de 3,6% em Chapecó e queda de 3,6% em Lages.

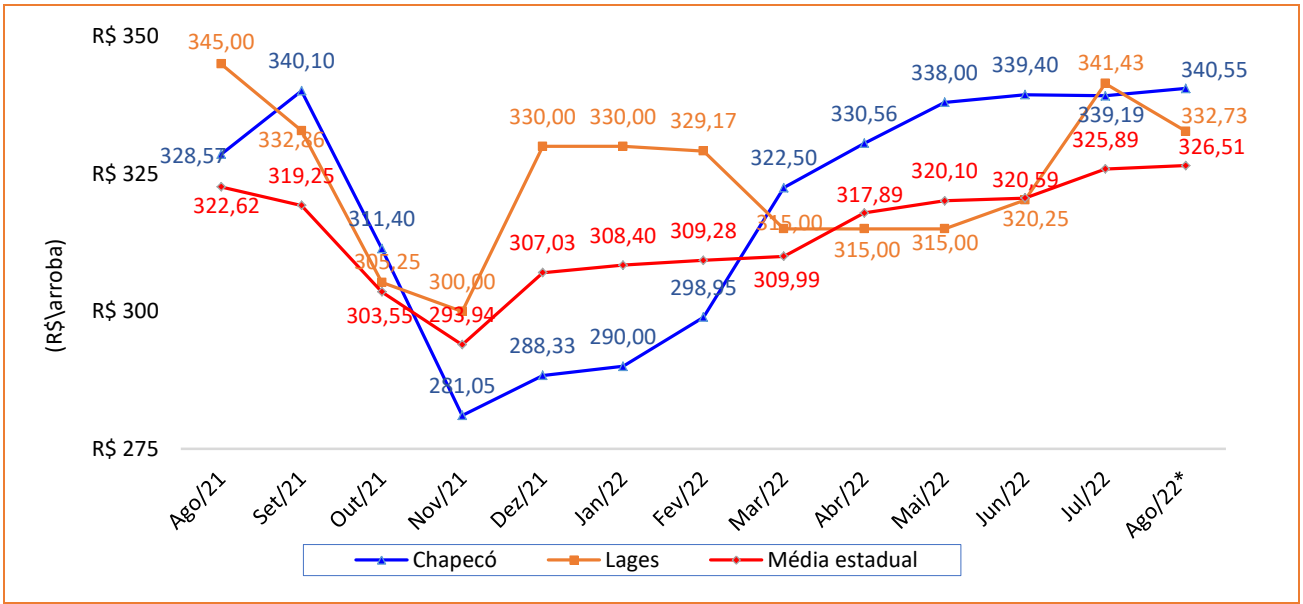


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R$/arroba)
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Diferentemente do que vinha sendo observado desde março, nas primeiras semanas de agosto os preços de atacado da carne bovina apresentaram quedas em relação aos do mês anterior: -2,4% na carne de dianteiro e -1,7% na carne de traseiro. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de -2,1% em agosto, com alta de 5,3% acumulada no ano.

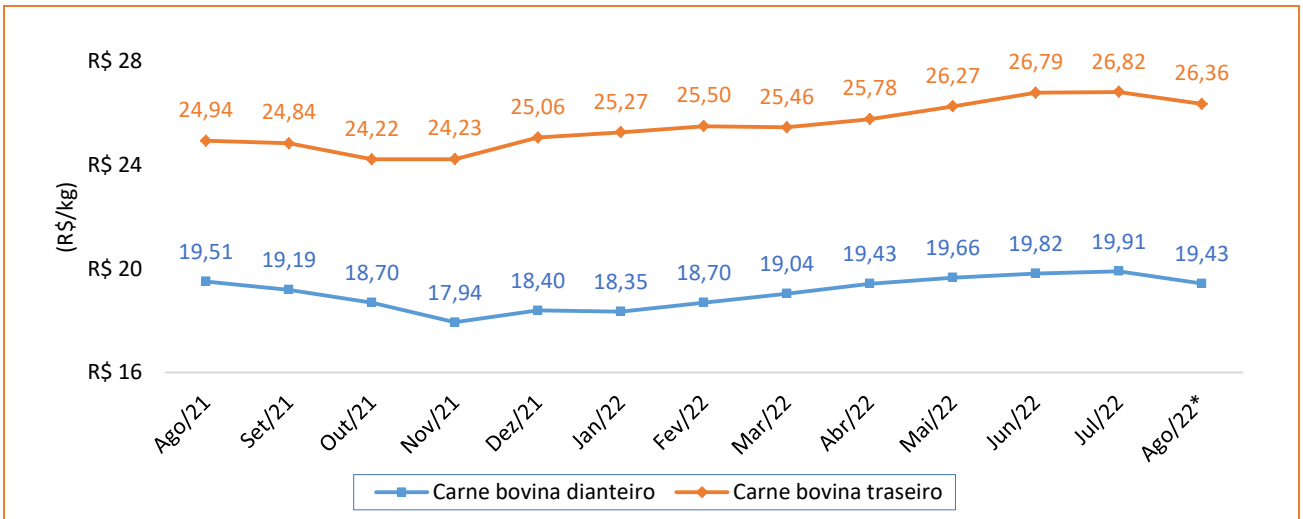


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R$/kg)
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores atuais com os de agosto de 2021, observam-se queda de 0,4% para a carne de dianteiro e alta de 5,7% para a carne de traseiro, com média de 2,6%.

Custos

Depois de quase seis meses de predominância de altas, nas primeiras semanas de julho, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram movimentos de queda. Em relação ao mês anterior, as variações são de -0,1% para os bezerros de até 1 ano, e de -1,4% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com agosto de 2021, registraram-se quedas de 2,7% para os bezerros e de 3,4% para os novilhos.

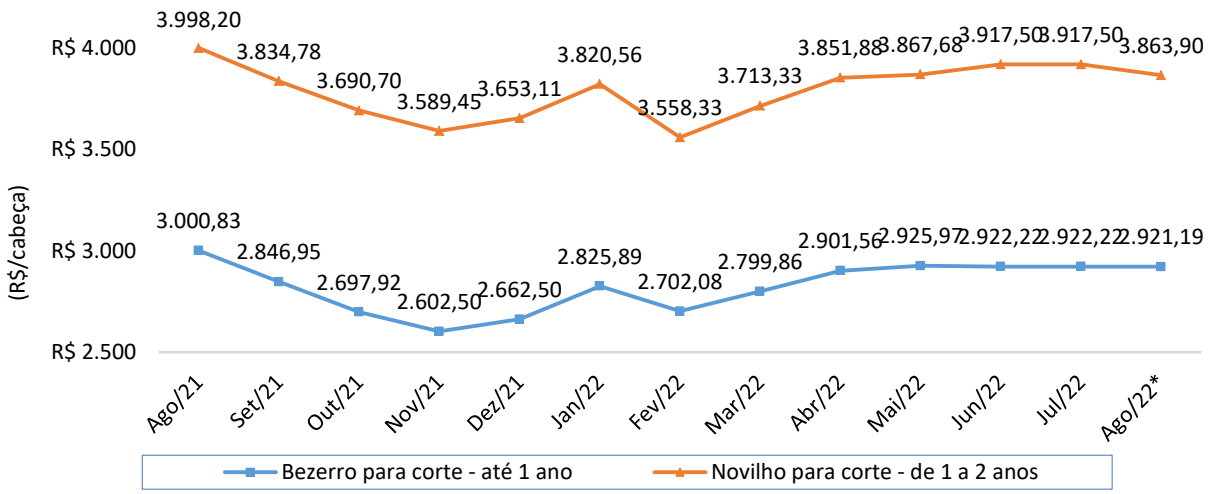


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R$/cabeça)
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **191,10 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), altas de **9,2%** em relação ao mês anterior e de **0,4%** na comparação com o mesmo mês de 2021. As receitas foram de **US$1,21 bilhão**, ampliação de **5,9%** em relação ao mês anterior, e de **20,0%** na comparação com julho de 2021.

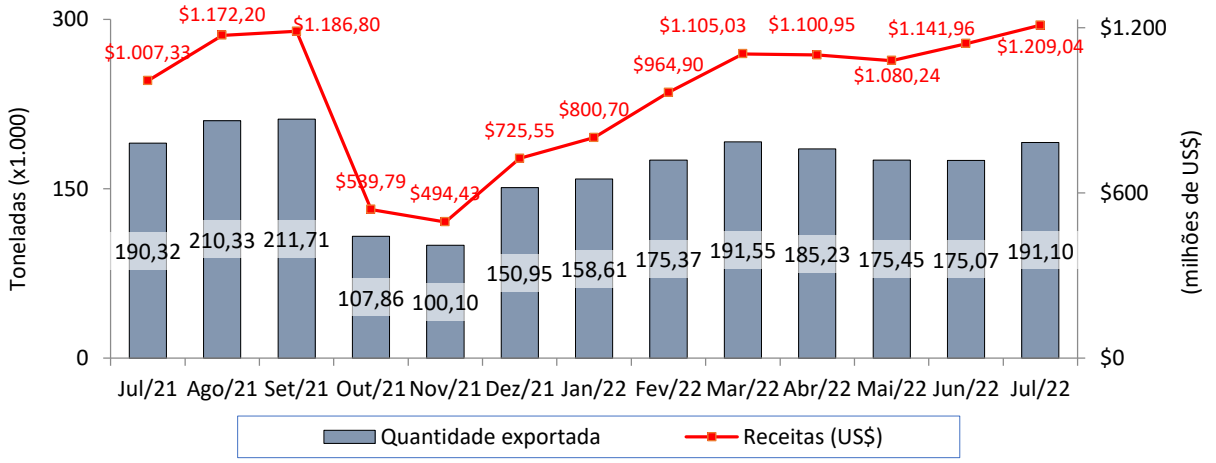


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas
Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em julho foi de **US$6.548,85/t**, queda de **4,1%** em relação ao valor da exportada no mês anterior, mas **20,3%** acima da de julho de 2021.

No acumulado de janeiro a julho, o Brasil exportou **1,25 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US$ 7,40 bilhões** em receitas, altas de 17,7% em volume e de 45,7% em receitas na comparação com o mesmo período de 2021. China e Hong Kong responderam por 62,9% das receitas.

Santa Catarina exportou **128 toneladas** de carne bovina em julho, com faturamento de **US$600,48 mil**, quedas de 18,4% e de 17,4%, respectivamente, em relação ao mês anterior. Na somatória dos embarques deste ano, Santa Catarina exportou **1,36 mil toneladas**, com faturamento de **US$5,84 milhões**, quedas, em relação ao mesmo período do ano anterior, de 54,8% e 49,0%, respectivamente.

Produção

Segundo os resultados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 2º trimestre de 2022 foram abatidos 7,32 milhões de bovinos no Brasil, aumento tanto em relação ao mesmo período de 2021, quanto na comparação com o 1º trimestre de 2022 (Figura 6).

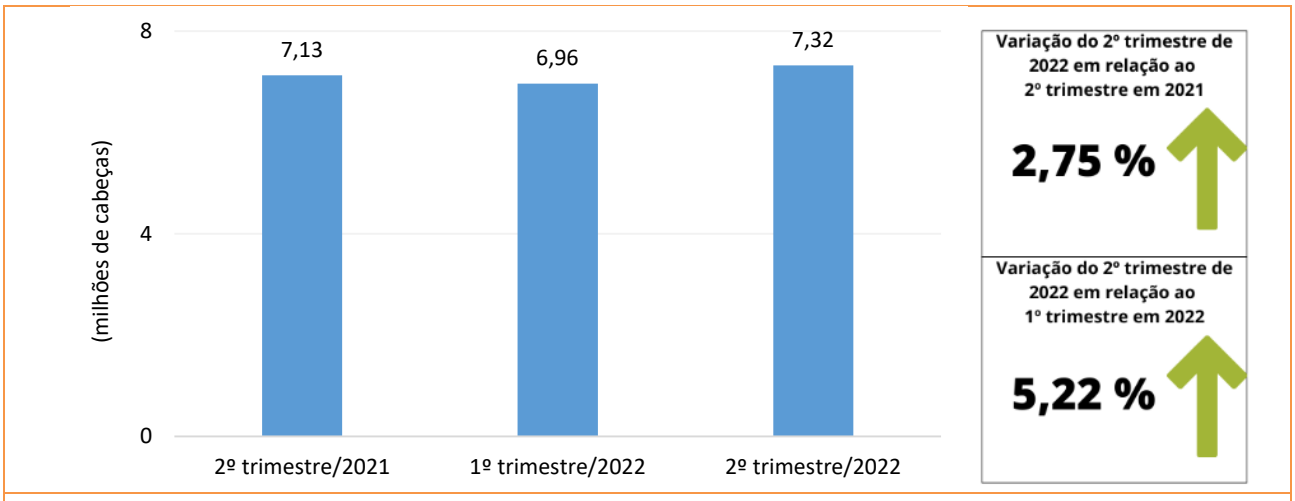


Figura 6. Bovinos – Brasil: abate por trimestre
Fonte: IBGE.

Ainda de acordo com o IBGE, a produção de carne bovina no 2º trimestre deste ano foi de 1,93 milhão de toneladas de carcaça, alta de 2,3% em relação ao 2º trimestre de 2021 e de 5,1% na comparação com o 1º trimestre deste ano.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de altas expressivas em julho, nas primeiras semanas de agosto as cotações do suíno vivo nos diversos estados acompanhados apresentaram movimentos distintos, embora ainda com predominância de altas, conforme demonstra a figura 1. Levando em conta os preços diários, é provável que todos os estados venham a registrar variação positiva até o final deste mês.

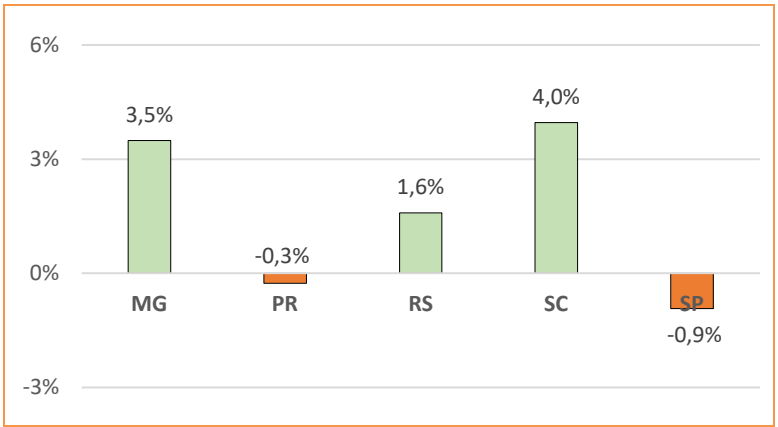


Figura 1 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (jul./ago. 2022[1])
[1] Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Quando se comparam os preços atuais com os de agosto de 2021, observam-se variações positivas na maioria dos estados analisados: 4,8% em Minas Gerais; 2,5% em São Paulo e 1,3% no Rio Grande do Sul. Por outro lado, Santa Catarina e Paraná apresentam, nesse período, quedas de 8,0% e 1,5%, respectivamente. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,1%, segundo o IPCA/IBGE. É importante ressaltar que os valores constantes na figura 2 são nominais, o que significa, considerada a inflação, que variações negativas se têm observado em todos os valores supramencionados.

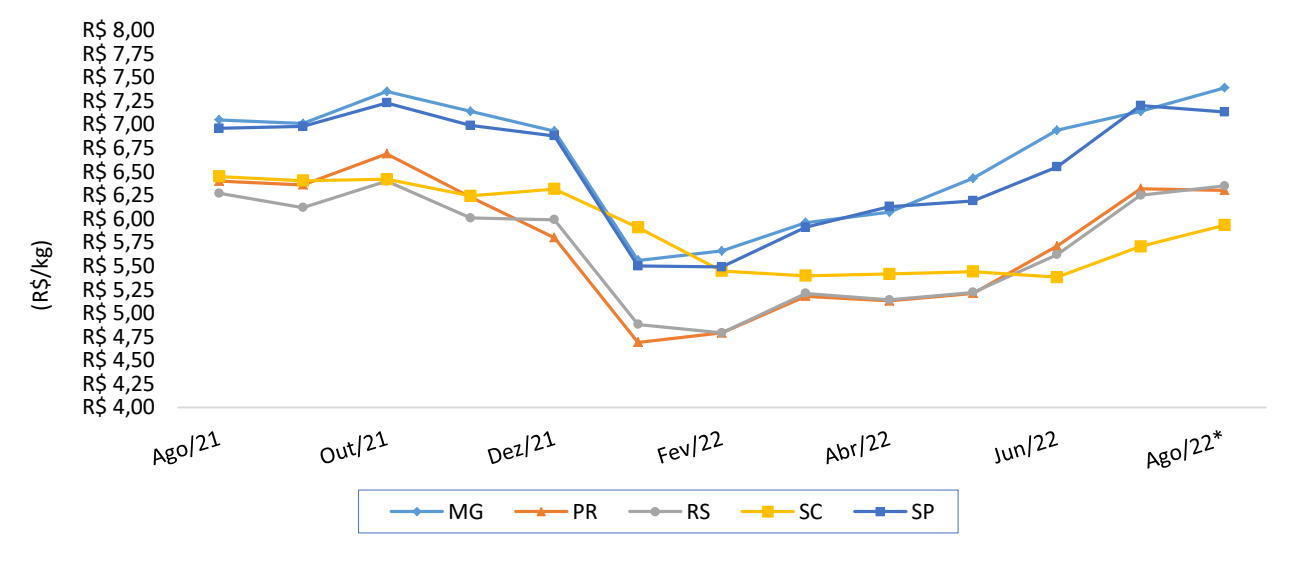


Figura 2 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R$/kg)
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
FONTE: CEPEA (MG, PR, RS E SP) E EPAGRI/CEPA (SC).

Os valores do suíno vivo na praça de referência de Chapecó voltaram a apresentar altas nas primeiras semanas de agosto em relação ao mês anterior: 3,0% para o produtor independente e 1,4% para o integrado. Apesar dos resultados favoráveis dos últimos dois meses, na comparação com os de agosto de 2021, os preços pagos aos produtores independentes e integrados apresentaram quedas de 7,5% e 11,8%, respectivamente.

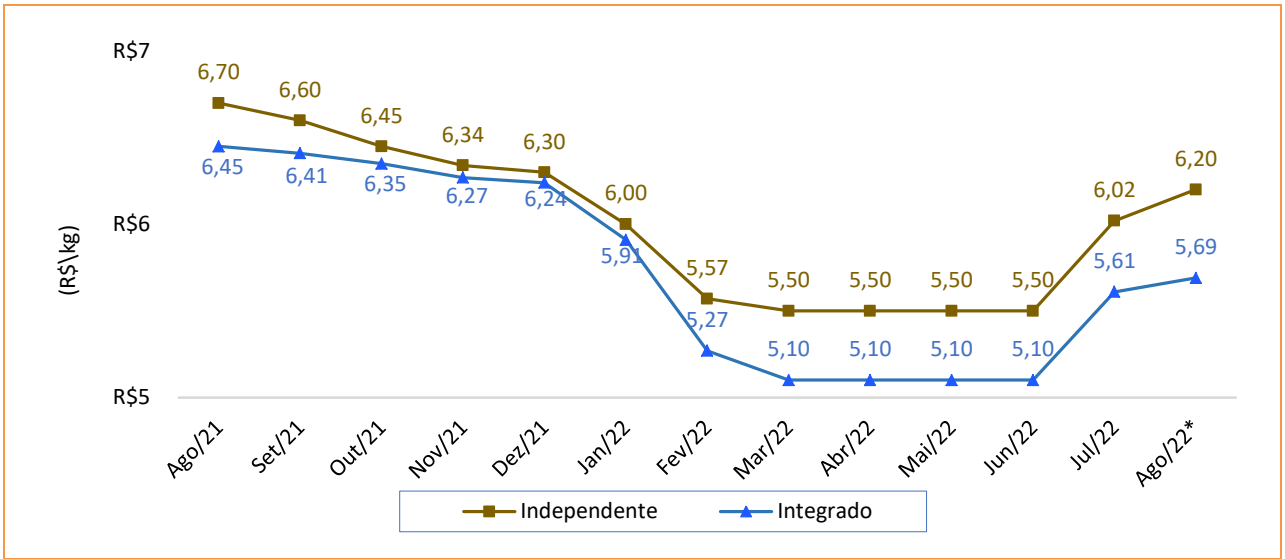


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para o produtor independente e o produtor integrado
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne suína apresentaram predominância de alta nas primeiras semanas de agosto em relação a julho, mantendo a tendência registrada nos meses anteriores: costela, 7,5%; pernil, 3,3%; lombo, 2,6% e carcaça, 0,5%. A única exceção foi o carré, que registrou queda de 1,4%. A variação média dos cinco cortes foi de 2,5%. No acumulado do ano, verifica-se pequena alta: - 0,1%.

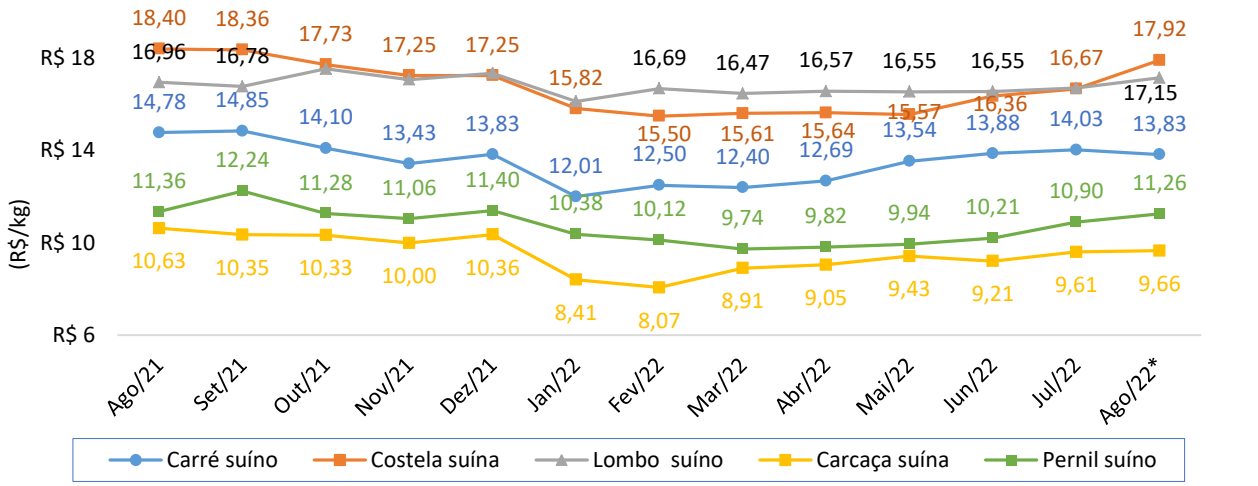


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R$/kg)
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares atuais com os de agosto de 2021, observam-se variações negativas em quase todos os cortes: carcaça, -9,2%; carré, -6,4%; costela, -2,7% e pernil, -0,8%. A única exceção é o lombo, com alta de 1,2%. Na média dos cinco cortes, a queda é de 3,6%.

Os recentes movimentos de alta nos preços dos animais vivos e da carne suína têm sido sustentados, principalmente, pela elevação de consumo no mercado interno. Com os expressivos aumentos observados nos preços da carne bovina e da carne de frango, a carne suína ganhou competitividade perante as primeiras, ampliando seu espaço no prato do consumidor brasileiro. As altas nos preços da carne suína só não têm sido mais significativas em função da grande oferta de animais para abate, como veremos no final deste artigo.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em julho, o custo de produção de suínos em ciclo completo foi de R$ 7,63/kg de peso vivo em Santa Catarina, alta de 4,0% em relação ao mês anterior. No ano, o Índice de Custo de Produção de Suínos (ICPSuínos) acumula alta de 9,0%, enquanto, nos últimos 12 meses, a variação foi de 7,4%.

Nas primeiras semanas de agosto, os preços dos leitões apresentaram movimentos de alta em relação ao mês anterior: de 0,8% para os leitões de 6 kg a 10 kg e de 1,2% para os leitões de aproximadamente 22 kg. Na comparação com agosto de 2021, contudo, ainda se registram quedas em ambas as categorias: -9,1% para os leitões de 6 kg a 10 kg e -8,9% para os leitões de aproximadamente 22 kg.

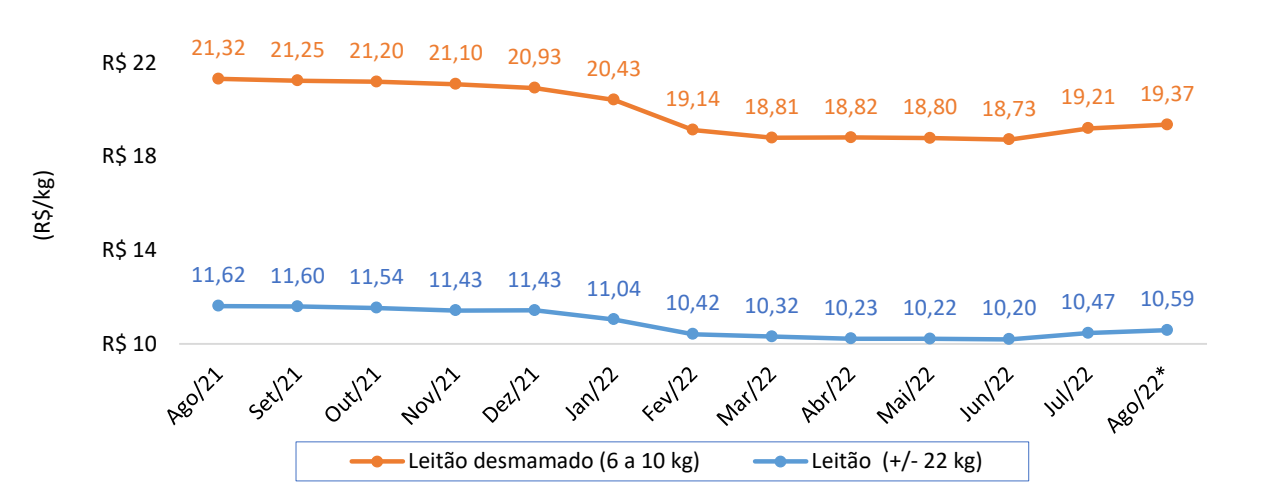


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R$/kg)
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Depois de queda expressiva em julho (-13,8%), a relação de troca insumo-produto apresentou alta de 1,7% nas primeiras semanas de agosto em relação à do mês anterior. Este resultado é decorrente da alta no preço do milho em Chapecó (4,0%), parcialmente compensada pela elevação no preço do suíno vivo na mesma praça (2,2%). O valor atual está 4,5% abaixo daquele observado em agosto de 2021.

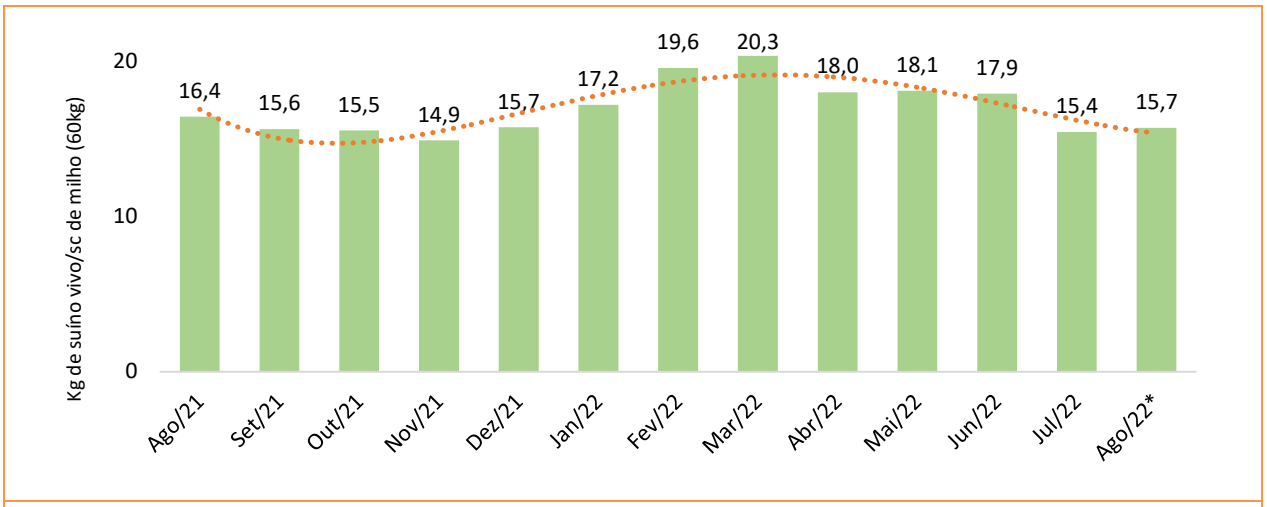


Figura 6. Suíno vivo – Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho
Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.
* Os valores de agosto de 2022 são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 do mês.
Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **94,80 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de 3,3% em relação às exportações do mês anterior, mas queda de **6,0%** na comparação com as de julho de 2021. As receitas foram de **US$ 220,34 milhões**, aumento de **1,7%** em relação às de junho e queda de **9,6%** na comparação com as do mesmo mês de 2021. Estes são os melhores resultados mensais do ano.

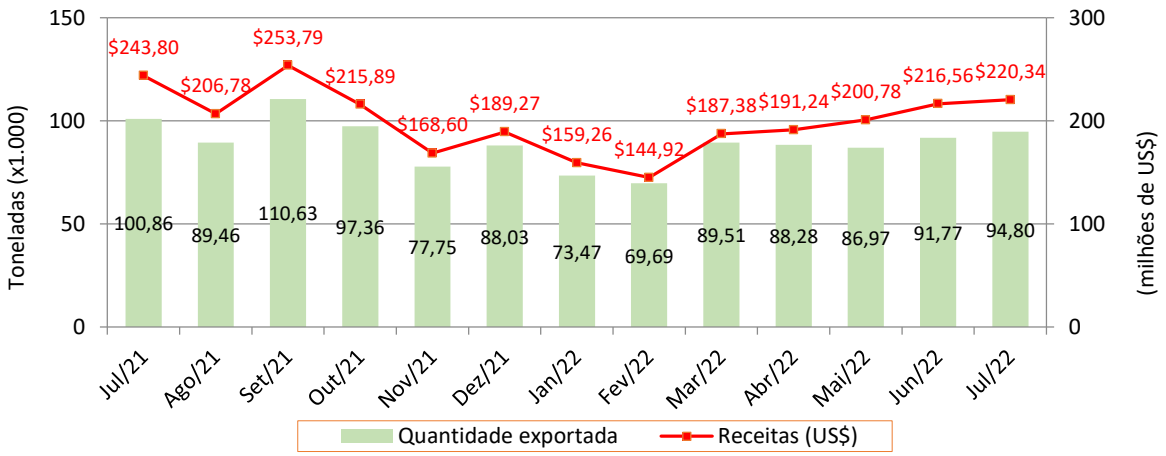


Figura 7 - Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas
Fonte: Comex Stat.

No acumulado do ano, o Brasil exportou **594,49 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US$ 1,32 bilhão**, quedas de 9,2% em quantidade e de 16,5% em valor, na comparação com o mesmo período de 2021.

De acordo com estimativas divulgadas no final de julho pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne suína em 2022 devem atingir de 1,05 milhão a 1,10 milhão de

toneladas, queda de até 3% na comparação com o montante embarcado no ano passado. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) também divulgou nota em que projeta o mesmo índice de queda para os embarques de carne suína deste ano.

Santa Catarina exportou **51,35 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em julho, alta de **1,3%** em relação às exportações do mês anterior, mas queda de **3,3%** na comparação com as julho de 2021. As receitas foram de **US$ 123,48 milhões**, queda de **0,5%** em relação às do mês anterior e de **7,4%** na comparação com as de julho de 2021.

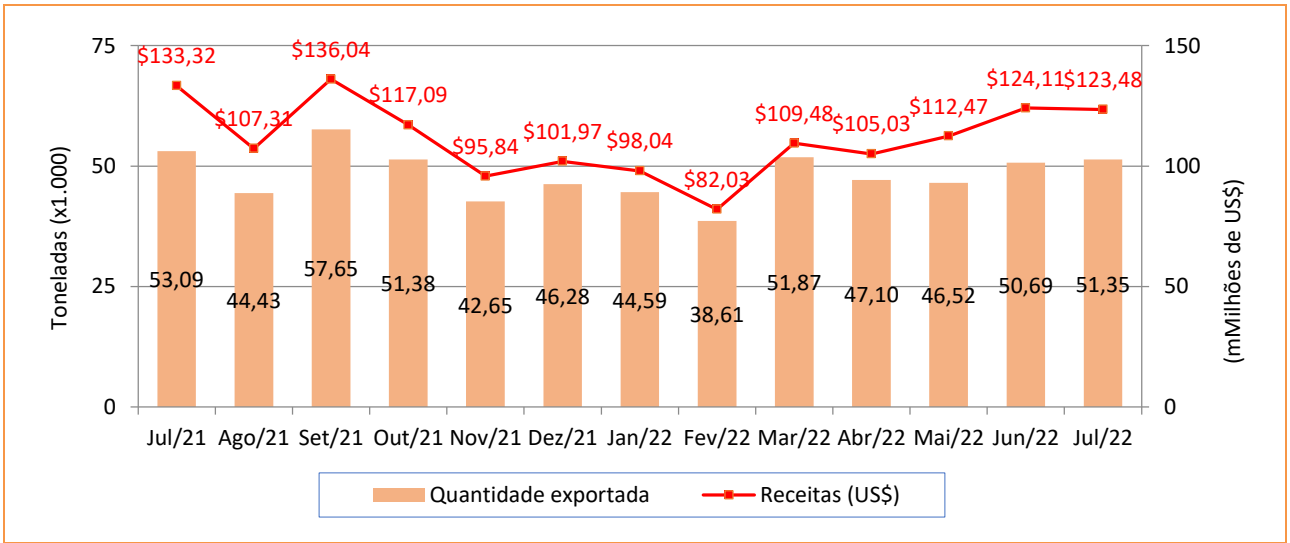


Figura 8 - Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas
Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina no mês passado foi de **US$2.430,36/t**, queda de **2,3%** em relação ao do mês anterior e de **5,2%** na comparação com o de julho de 2021.

No acumulado do ano, o estado exportou **330,72 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US$754,63 milhões**, quedas de 1,6% em quantidade e de 10,0% em valor na comparação com o mesmo período de 2021. Santa Catarina respondeu por **57,1%** das receitas e **55,6%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil neste ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína (Figura 9) foram responsáveis por 78,2% das receitas dos primeiros 7 meses do ano, com destaque para a China e Hong Kong.

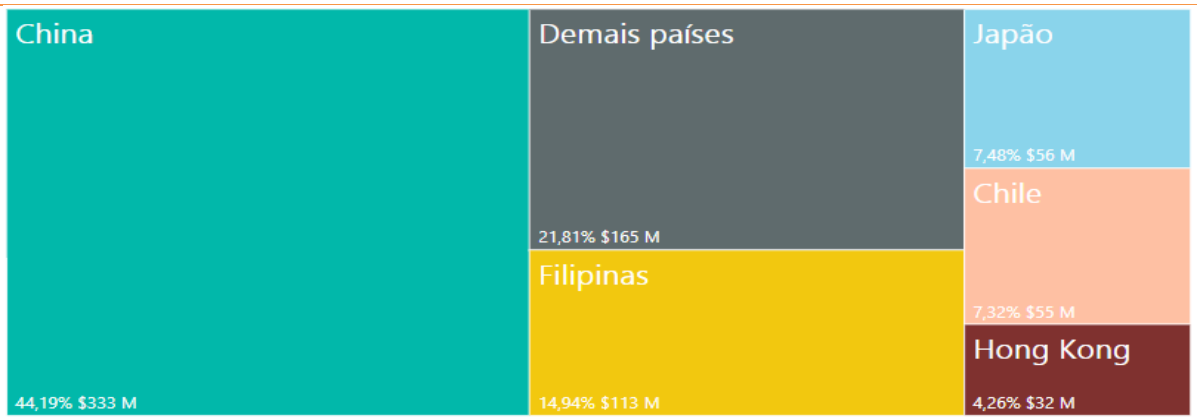


Figura 9. Carne suína – Santa Catarina: participação dos principais destinos nas receitas das exportações – jan./jul. 2022
Fonte: Comex Stat.

Em grande parte, os resultados negativos observados neste ano devem-se à redução nos embarques para três importantes destinos - China, Chile e Hong Kong -, que registraram quedas de 37,8%, 42,4% e 40,9%, respectivamente, nas receitas acumuladas entre janeiro e julho na comparação com as do mesmo período do ano passado. Essas variações negativas foram parcialmente compensadas pelo crescimento das receitas das exportações para as Filipinas (341,2%) e o Japão (11,8%).

A ABPA prevê um aumento nas importações chinesas de carne suína ao longo do 2º semestre, devido à formação de estoques para eventos festivos naquele país, o que deve melhorar o cenário internacional para esse produto.

Produção

Segundo os resultados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 2º trimestre de 2022 foram abatidos 14,0 milhões de suínos no Brasil, aumento tanto em relação aos abates do mesmo período de 2021, quanto na comparação com os do 1º trimestre de 2022 (Figura 10).

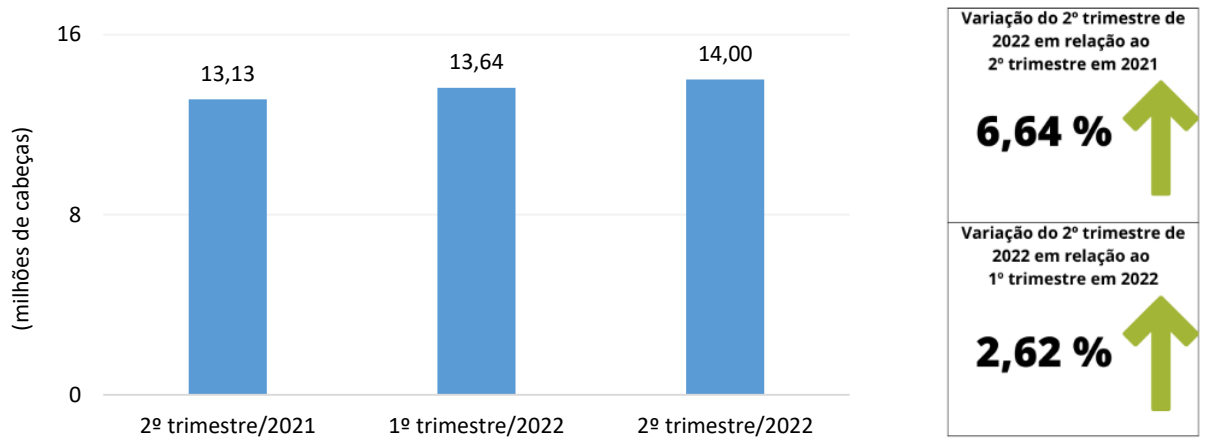


Figura 10. Suínos – Brasil: abate por trimestre.
Fonte: IBGE.

Ainda de acordo com o IBGE, a produção de carne suína no 2º trimestre deste ano foi de 1,30 milhão de toneladas de carcaça, alta de 6,0% em relação à do 2º trimestre de 2021 e de 4,5% na comparação com a do 1º trimestre deste ano.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 11 de agosto, o IBGE divulgou os "primeiros resultados" da Pesquisa Trimestral do Leite,[6] com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil nos três meses do segundo trimestre de 2022. Ao longo de todo o período, foram adquiridos 5,390 bilhões de litros, o que representa uma queda de 7,7% em relação aos 5,839 bilhões de litros adquiridos no segundo trimestre de 2021. No primeiro semestre, a quantidade adquirida pelas indústrias brasileiras foi 9,1% menor do que no mesmo período de 2021 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas no Brasil

Mês	Bilhão de litros					Variação %
	2018	2019	2020	2021	2022	2021/22
Janeiro	2,161	2,207	2,272	2,348	2,082	-11,3
Fevereiro	1,890	1,933	2,066	2,051	1,873	-8,7
Março	1,968	2,055	2,109	2,177	1,943	-10,7
Abril	1,873	1,911	1,969	1,946	1,794	-7,8
Maio	1,734	1,975	1,957	1,960	1,827	-6,8
Junho	1,872	1,974	1,949	1,933	1,769	-8,5
1º semestre	**11,498**	**12,055**	**12,322**	**12,415**	**11,288**	**-9,1**
Julho	2,036	2,075	2,143	2,040		
Agosto	2,120	2,128	2,199	2,088		
Setembro	2,100	2,081	2,174	2,079		
Outubro	2,222	2,203	2,236	2,140		
Novembro	2,210	2,186	2,224	2,156		
Dezembro	2,271	2,283	2,343	2,204		
Total anual	**24,457**	**25,011**	**25,641**	**25,122**		

2021: Dados preliminares e 2º trimestre/22: primeiros resultados.
Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Considerados os dez últimos anos (2013-2022), esses 11,288 bilhões de litros adquiridos pelas indústrias no primeiro semestre de 2021 superam apenas as quantidades adquiridas nos primeiros semestres de 2013 e de 2016, com 11,018 bilhões e 11,081 bilhões de litros, respectivamente.

Preços

Embora os dados da Pesquisa Trimestral do Leite evidenciem que o decréscimo da oferta nacional tenha começado no início do segundo semestre de 2021, foi apenas com a chegada da entressafra da produção leiteira nacional desse ano que os preços internos aumentaram significativamente. Tomando por base os preços de referência do Conseleite/SC, fica evidente que as altas mais expressivas dos preços dos lácteos

[6] No dia 6/9/2022, o IBGE deverá divulgar os dados dos meses do segundo trimestre deste ano por unidade da Federação. Isto deve provocar pequenas mudanças nos números relativos aos "primeiros resultados".

no atacado das indústrias catarinenses começaram em março e atingiram o ápice próximo a meados de julho, com o preço de referência projetado para julho atingindo o maior valor real da história do Conseleite/SC (Tabela 2). Esses R$2,9975/l projetados para julho superam, inclusive, o histórico preço de agosto de 2016, que, corrigido pelo IGP-DI de jul./2022, alcança R$2,8131/l.

Tabela 2. Leite padrão: preço de referência do Conseleite de Santa Catarina

Mês	R$/l na propriedade, com Funrural incluso (deflacionado pelo IGP-DI de 7/2022)			Variação (%)	
	2020	2021	2022	2020-21	2021-22
Janeiro	1,9090	1,9691	1,7240	3,1	-12,4
Fevereiro	1,9195	1,8213	1,8022	-5,1	-1,0
Março	1,9852	1,8389	1,9678	-7,4	7,0
Abril	2,0175	1,8129	2,1507	-10,1	18,6
Maio	1,9809	1,8834	2,1720	-4,9	15,3
Junho	2,2602	1,9955	2,4638	-11,7	23,5
Julho	2,2685	1,9289	2,9975	-15,0	55,4
Agosto	2,4220	1,9615		-19,0	
Setembro	2,4404	1,9681		-19,4	
Outubro	2,2336	1,8419		-17,5	
Novembro	2,1288	1,7541		-17,6	
Dezembro	2,1657	1,7603		-18,7	
Média	**2,1443**	**1,8780**		**-12,4**	

Jul./2022: valor projetado.
Fonte: Conseleite/SC.

Da próxima reunião do Conseleite/SC, a ser realizada em 24/8, o que se espera é um quadro bem diferente do da última reunião. Como houve queda de preços de vários lácteos no mercado atacadista a partir da segunda quinzena de julho, o preço de referência de julho poderá ficar abaixo do patamar projetado na última reunião. Quanto ao preço a ser projetado para agosto, é certo que será sensivelmente menor do que o de julho, com repercussões negativas sobre os preços que os produtores catarinenses receberão em setembro. O preço médio aos produtores em agosto é destacadamente o maior da série histórica da Epagri/Cepa (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Preço médio [1] aos produtores de Santa Catarina

Mês	R$/l na propriedade (deflacionado pelo IGP-DI de 7/2022)			Variação (%)	
	2020	2021	2022	2020-21	2021-22
Janeiro	1,90	2,38	2,00	25,7	-16,1
Fevereiro	1,96	2,13	1,99	8,7	-6,5
Março	1,97	2,00	2,05	1,5	2,2
Abril	1,96	2,02	2,28	3,0	13,1
Maio	1,80	2,04	2,46	13,3	20,4
Junho	1,95	2,20	2,56	12,9	16,2
Julho	2,18	2,35	3,04	7,5	29,6
Agosto	2,33	2,37	3,50 [2]	2,0	47,6
Setembro	2,54	2,38		-6,0	
Outubro	2,55	2,29		-10,1	
Novembro	2,45	2,12		-13,3	
Dezembro	2,49	1,98		-20,7	
Média	**2,14**	**1,88**		**-12,4**	

[1] Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.
[2] Média provisória projetada pela Epagri/Cepa.
Fonte: Epagri/Cepa.

Balança comercial

Em julho, as importações brasileiras foram de 13,2 milhões de quilos de lácteos, o maior patamar desde abril de 2021. Embora as exportações também tenham crescido em relação às do mês de junho, houve sensível crescimento do saldo comercial negativo mensal (Tabela 4).

Tabela 4. Lácteos – Balança comercial brasileira

Mês	Milhão de quilos								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Janeiro	10,6	17,8	8,6	2,9	2,4	3,3	-7,7	-15,5	-5,4
Fevereiro	8,8	15,1	6,9	1,8	1,8	4,4	-7,0	-13,4	-2,6
Março	9,4	14,4	8,0	2,5	2,8	2,5	-6,8	-11,6	-5,5
Abril	6,0	7,3	5,7	1,8	4,3	4,5	-4,2	-3,0	-1,2
Maio	7,5	8,3	8,4	2,3	3,3	3,2	-5,2	-5,0	-5,2
Junho	8,4	8,8	10,9	2,2	4,0	2,3	-6,3	-4,9	-8,6
Julho	12,6	9,6	13,2	2,7	3,5	2,9	-9,9	-6,1	-10,4
Até julho	**63,3**	**81,4**	**61,7**	**16,2**	**21,9**	**23,0**	**-47,1**	**-59,4**	**-38,7**
Agosto	18,0	10,0	-	2,7	3,0	-	-15,3	-7,0	-
Setembro	22,8	10,6	-	2,4	2,5	-	-20,4	-8,1	-
Outubro	22,1	12,1	-	2,7	2,1	-	-19,5	-10,0	-
Novembro	22,9	11,3	-	2,5	2,2	-	-20,4	-9,1	-
Dezembro	22,4	11,1	-	2,5	3,4	-	-19,9	-7,7	-
Total	**171,6**	**136,5**	-	**29,0**	**35,1**	-	**-189,7**	**-160,9**	-

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.

Com as recentes e significativas quedas nos preços internos dos lácteos, o cenário mais provável é o de as importações perderem competitividade nos meses vindouros, especialmente mais ao final do ano, com o tradicional e mais expressivo crescimento da oferta interna.